Jornal de Letras

Opiniões
Depoimentos
Novos Lançamentos
Entrevista
Literatura Infantil

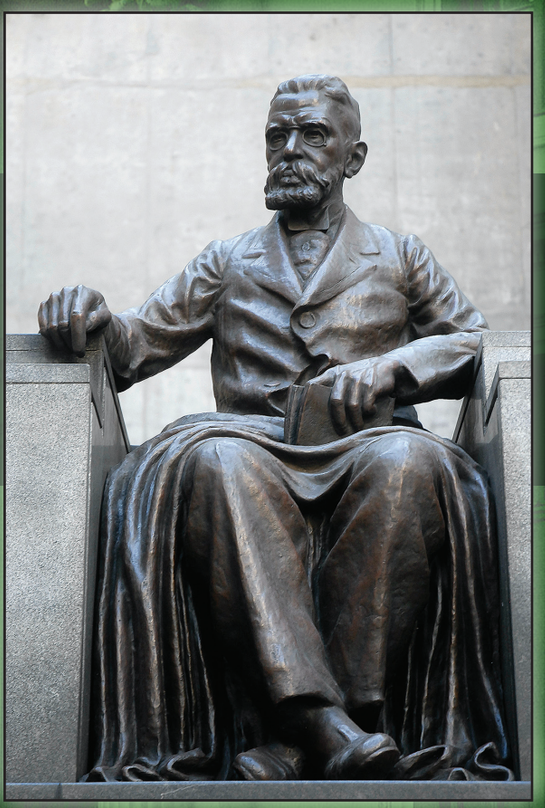
Número: 295
Mês: Setembro
Ano: 2023
Preço: R$ 5,00

JL digital
ACESSE:
www.
jornaldeletras.
com.br

ABL ACADEMIA BRASILEIRA de LETRAS

1897
2023

AD IMMORTALITATEM ACADEMIA BRASILEIRA



126 anos da Academia Brasileira de Letras

Há 126 anos protagonizando ações de relevância cultural que a inscrevem no epicentro da nação, a Academia Brasileira de Letras celebrou mais um aniversário, com uma noite marcada pela alegria e emoção. A concorrida solenidade, no Petit Trianon, somou-se à entrega dos prêmios Machado de Assis, da medalha Machado de Assis, do prêmio Francisco Alves e da medalha João Ribeiro aos funcionários da ABL. *(Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)*

Editorial

Para glória da nossa cultura, a Academia Brasileira de letras (ABL) está comemorando 126 anos de fecunda existência. Alguns dos maiores nomes da literatura nacional fazem (ou fizeram) parte da Casa de Machado de Assis, a partir do próprio e renomado patrono, certamente o maior de todos os nossos escritores. Mas houve outros nomes consagradores, como podemos lembrar mais recentemente Jorge Amado e Guimarães Rosa, para só ficar nessas duas lembranças. O que é importante, nessa recordação, é registrar que a ABL é também a casa da memória, onde os seus feitos literários são permanentemente lembrados pelos atuais imortais. Fazemos esse registro com enorme prazer.

O editor.

Foto: Joelson Laureano

O ex-ministro Bernardo Cabral tomou posse como membro titular do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Na solenidade, recebeu os cumprimentos, entre outros, do acadêmico Arnaldo Niskier, do professor Antonio Celso Alves Pereira e do embaixador Marcos Azambuja.

Expediente

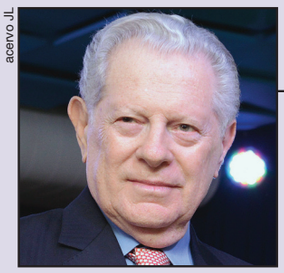
Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman
Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com
Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114
Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O Jornal de Letras é uma publicação mensal do Instituto Antares de Cultura / Edições Consultor.

Opinião Arnaldo Niskier

acervo JL



Festa da educação

Com a presença de mais de 200 pessoas, realizou-se em Brasília a festa da Associação Brasileira das Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), em que se fez pela sexta vez a entrega do seu Prêmio de Jornalismo. O júri, constituído por Merval Pereira, Marcos Vilaça e Arnaldo Niskier, contemplou os oito trabalhos mais identificados, em nível nacional, com as perspectivas da educação brasileira.

Assinala-se um fato palpável: desde que a ABMES constituiu esse prêmio, a cobertura de jornais e emissoras de rádio e televisão tem aumentado muito, com sugestões concretas sobre o aperfeiçoamento da relação do país com a educação e os meios de comunicação.

Nessa oportunidade, por uma feliz decisão do presidente da ABMES, professor Celso Niskier, esteve presente à solenidade o ministro da Educação, Camilo Santana, que fez na ocasião um importante pronunciamento, o que valorizou em muito o evento mencionado.

Todos os premiados puderam fazer declarações. Fazendo parte da mesa, tive a oportunidade de destacar o valor da promoção. "Foram 290 trabalhos de excelente nível, o que dificultou enormemente a escolha dos vencedores. Foi a primeira vez que atingimos um número tão elevado – disse na ocasião.

Na oportunidade, foi prestada homenagem à memória do educador Edson Franco, do Pará, recentemente falecido, e que foi presidente da ABMES.

Tendo o ensejo de falar, critiquei a decisão do governo de São Paulo, que recusou os livros impressos do Programa Nacional do Livro Didático, sob a alegação de que são muito superficiais. A Secretaria de Educação sugeriu empregar, da 6ª à 9ª série, materiais digitais. Essa escolha não tem ainda uma comprovação científica – e é considerada uma verdadeira temeridade. O secretário de Educação ficou de reconsiderar a medida.

A verdade é que nem todas as escolas públicas de São Paulo podem adotar a medida, com a necessária eficiência. E o resto do Brasil seguramente não tem condições de acompanhar essa providência discutível.

"O homem não pode trair o escritor,
mas o escritor deve sempre trair o homem.
Quando assume a condição de escritor, ele deve ficar acima do homem."

Carlos Heitor Cony

"A beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio tom, nessa incerteza."

Lygia Fagundes Telles

Heloísa Teixeira Imortal

Por Manoela Ferrari

Foi como Heloísa Teixeira que a professora e ensaísta Heloísa Buarque de Hollanda tomou posse na Academia Brasileira de Letras (ABL). O uso do sobrenome de família no lugar do que a tornou conhecida, tomado do seu ex-marido, é uma iniciativa com a qual a nova imortal homenageia a mãe.

A escritora e crítica cultural, de 83 anos, é considerada uma das principais vozes do feminismo brasileiro e uma das maiores intelectuais públicas do país. Tem formação em Letras Clássicas pela Pontifícia Universidade Católica do RJ, mestrado e doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pós-doutorado em Sociologia da Cultura pela Universidade de Columbia, em Nova York. Além disso, é diretora do Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ.

A nova acadêmica tem vários artigos publicados nas áreas de arte, literatura, feminismo, cultura digital, cultura da periferia e políticas culturais. Entre os livros, destaca-se a histórica coletânea *26 Poetas Hoje*, de 1976, revelando uma geração de poetas "marginais" que entrou para a literatura brasileira, como Ana Cristina Cesar, Cacaso e Chacal. Essa antologia é considerada um divisor de águas entre poesia canônica e poesia contemporânea e performática. Segundo a autora, o livro causou furor na época.

Outros livros publicados por Heloísa são *Macunaíma, da Literatura ao Cinema*; *Cultura e Participação nos anos 60*; *Pós-Modernismo e Política*; *O Feminismo como Crítica da Cultura*; *Guia Poético do Rio de Janeiro*; *Asdrúbal Trouxe o Trombone: Memórias de uma trupe solitária de comediantes que abalou os anos 70*; *Escolhas, uma Autobiografia Intelectual*; e *Feminista, Eu?*.

Nascida em Ribeirão Preto (SP), em 1939, a nova imortal passou a ser a 10ª mulher eleita para a ABL, com 34 votos, de 37. Vai ocupar a cadeira 30, na vaga que ficou aberta em dezembro do ano passado com a morte da saudosa acadêmica Nélida Piñon (1937-2022), primeira mulher a presidir a ABL, a quem Heloísa dedicou boa parte do seu discurso: "Em 126 anos da Academia é a primeira vez que uma mulher sucede uma mulher. Para ver quão poucos nós somos: somamos o total de 10 mulheres para 339 homens. É absurda essa porcentagem, mas agora vai mudar", declarou Heloísa.

O novo nome – Heloísa Teixeira – está inscrito no diploma, recebido por ela das mãos da imortal Fernanda Montenegro, na cerimônia de posse, em noite concorrida, no Petit Trianon, onde as mulheres foram protagonistas. A acadêmica Rosiska Darcy fez a entrega do colar e a acadêmica Ana Maria Machado fez o discurso de recepção: "Heloísa escapa a todos os rótulos redutores. Tem luz própria. Arrisco-me a dizer que é uma constelação de muitos nomes, como há poucos dias constatamos em entrevista, quando revelou que agora passa a assinar Heloisa Teixeira, destacando o sobrenome materno. " Ana Maria lembrou ainda da convivência com a nova acadêmica, desde os anos 60, quando ela impressionava pela "clareza racional e a intensidade afetiva, ou a busca de solidez teórica e o simultâneo respeito ao improviso e à intuição, aspectos raros de serem encontrados na mesma pessoa de forma balanceada", elogiou.

A acadêmica Fernanda Montenegro entregou o diploma de posse à nova imortal Heloísa Teixeira.

A acadêmica Rosiska Darcy entregou o colar de posse a Heloísa Teixeira.

Posse de Ricardo Cavaliere na ABL

Por Maria Cabral

Um dos maiores filólogos do país, Ricardo Stavola Cavaliere tomou posse na cadeira número 8 da Academia Brasileira de Letras (ABL), no lugar da escritora Cleonice Berardinelli, que morreu em janeiro deste ano, aos 106 anos.

Eleito em abril, com 35 de 38 votos possíveis, Cavaliere também é membro da Academia Brasileira de Filologia. O filólogo tem experiência na área de Letras e Linguística, focado em descrição do português e na historiografia dos estudos gramaticais. É autor de mais de cem trabalhos acadêmicos.

Ao assumir a cadeira na ABL, o novo acadêmico disse que vai "procurar honrar o voto que me foi concedido para estar aqui agora e dar seguimento a esse trabalho que os nossos filólogos do passado começaram tão bem e o fizeram de maneira tão qualificada".

Na cerimônia de posse, o discurso de recepção, escrito pelo acadêmico Evanildo Bechara, foi lido pelo acadêmico Arnaldo Niskier, que também entregou a espada, como vice-decano da Casa de Machado de Assis. O colar foi entregue pelo acadêmico Antonio Carlos Secchin e o diploma pelo acadêmico Domício Proença Filho. A comissão de entrada foi formada pelos acadêmicos José Paulo Cavalcanti, Godofredo de Oliveira Neto e Ruy Castro; a comissão de saída pelos Acadêmicos Ana Maria Machado, Rosiska Darcy de Oliveira e Arno Wehling.

Ricardo Cavaliere é um linguista de nacionalidade brasileira e italiana, graduado e licenciado em Letras (1975) e graduado em Direito (1996), ambos os cursos cumpridos na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Obteve o título de mestre em Língua Portuguesa (1990) e de doutor em Língua Portuguesa (1997) pela mesma universidade. Cumpriu estágio de pós-doutorado em História da Gramática no Brasil (2005), na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob supervisão do Prof. Dr. Evanildo Bechara. Atualmente é professor aposentado da Universidade Federal Fluminense, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, membro da Academia Brasileira de Filologia, membro do Conselho Editorial da Editora Lexikon, da Editora Lucerna, diretor da revista *Confluência*, conselheiro do Real Gabinete Português de Leitura e conselheiro do Liceu Literário Português. É membro de associações nacionais e internacionais em sua área de investigação, entre elas a Société de Linguistique Romane, a Henry Sweet Society for the History of Linguistic Ideas, a Societas Linguistica Europeae, a Associação Brasileira de Linguística e a Société d'Histoire et d'Épistémologie des Sciences du Langage. Ocupa a cadeira nº 29 da Academia Brasileira de Filologia.

É autor de diversas obras, entre elas: *Fonologia e Morfologia na Gramática Científica Brasileira* (2000), *Pontos Essenciais em Fonética e Fonologia* (2005), *Palavras Denotativas e Termos Afins: Uma visão argumentativa* (2009), *A Gramática no Brasil: Ideias, percursos e parâmetros* (2014) e *História da Gramática no Brasil: Séculos XVI a XIX* (2022).

Dentre as comendas recebidas, destacam-se o título de Grande Benemérito do Real Gabinete Português de Leitura (2008), a Medalha do Mérito Filológico da Academia Brasileira de Filologia (2018) e o Prêmio Celso Cunha da União Brasileira de Escritores (2015).

O acadêmico Ricardo Cavaliere e seu diploma de posse na ABL.

Breves

Por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

◉ O acadêmico Ruy Castro e Heloísa Seixas são os curadores da exposição que marcou a reabertura do Museu Carmen Miranda, na Avenida Rui Barbosa, no Flamengo.

◉ *Fiandeira*, publicado por Raquel Naveira em 1992, reeditado esse ano pela Editora Life, foi indicado na lista de leitura obrigatória para o vestibular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

◉ *A Mágica Mortal* (Ed. Seguinte) é o primeiro livro juvenil do mestre do suspense Raphael Montes.

◉ *Os Diários do Mineiro Lúcio Cardoso* (1912-1968) ganharam a mais completa edição já publicada, com material inédito organizado pela Companhia das Letras.

◉ 17º livro (e o segundo de ficção) do professor Eduardo Neiva, *Corações Gentis* (Ed. Lacre) tem prefácio de Muniz Sodré.

◉ Vencedora de dois Jabutis (1981 e 1999), Marília Pacheco lançou *Kalash meu Amor* (Ed. Gryphus), onde discute a apatia da grande maioria diante de crimes hediondos do cotidiano.

◉ *Cidade Aberta, Cidade Fechada* (Ed. Record), de Ricardo Ramos Filho (neto de Graciliano Ramos) reúne crônicas sobre a capital paulista.

◉ *Na Madrugada do Sanatório* (Ed. Uruatau) é o livro de estreia do ator, dramaturgo e compositor Tomás Braune.

◉ *Primavera nos Dentes* (Ed. Record), de Miguel de Almeida, mostra como o grupo Secos & Molhados, que lançou seu álbum de estreia em 1973, se tornou um dos símbolos da rebeldia contra a ditadura militar.

◉ *Povos Indígenas entre Olhares* (Edições Sesc e Editora Unifesp), organizado por André Roberto Machado e Valéria Macedo, reúne 13 artigos que se propõem a apresentar um panorama histórico e atual sobre a situação dos indígenas no Brasil.

◉ *Morte em suas Mãos* (Ed. Todavia), terceiro livro de Ottessa Moshfegh, é o primeiro após o estrondoso sucesso de *Meu Anjo de Descanso e Relaxamento*.

◉ A Ateliê Editorial e as Edições Sesc lançaram cinco novas obras da Coleção Bibliofilia. Traduzidas pela primeira vez no país, os livros contam com capas artesanais confeccionadas pela Casa Rex.

◉ *O Futuro da Inteligência Artificial* (HarperCollins), de Kevin Scott, diretor de Tecnologia da Microsoft, investiga um dos assuntos mais comentados da atualidade.

◉ *De Tudo se Faz Canção – Os 50 anos do Clube da Esquina* (Garota FM Books), publicação bilíngue organizada por Márcio Borges e Chris Fuscaldo, reúne textos para celebrar as cinco décadas do álbum que revolucionou a música brasileira.

◉ Na obra *Uma História da Linguística* (Parábola), Marcos Bagno analisa os debates em torno das línguas e da linguagem de cada período abordado.

◉ *História para Matar a Mulher Boa* (Nós) é o romance de estreia da cineasta Ana Johann.

◉ *Programados para Amar* (Rocco), da neurocientista Stephanie Cacioppo, compartilha dados de pesquisas para falar sobre os impactos do amor no cérebro.

◉ Reunidas pela primeira vez na obra *Correspondência Anotada* (Todavia), organizada por Maria de Andrade, as cerca de trezentas cartas trocadas entre Mário de Andrade e Rodrigo M. F. de Andrade testemunham um compromisso apaixonado com o Brasil e com a preservação de seu patrimônio cultural.

Humor

Por Jonas Rabinovitch jonasrabinovitch@gmail.com

A VISITA DOS PAIS DE KAFKA

◉ No ensaio *Ler Pessoa* (Tinta da China), Jerónimo Pizarro presta um tributo à pluralidade do poeta, construindo um guia de leitura dos heterônimos Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis.

◉ Em *A Invenção das Mulheres* (Ed. Ubu), Rodrigo Nunes faz uma abordagem inovadora sobre temas como liderança, democracia, estratégia, populismo e revolução.

◉ Ao completar 92 anos, a poeta e ensaísta carioca Therezinha Russo lançou *Conversa com Sade, o Divino Marquês* (Ed. Verbo).

◉ Autora conhecida pela militância, crítica cultural e veia artística, Patrícia Rehder Galvão, a Pagu, foi a escolhida pela dupla curadora, Fernanda Bastos e Milena Britto, para a homenagem da 21ª edição da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), realizada de 22 a 26 de novembro.

◉ O Instituto Ambiental Reluz (IAR) lançou o livro infantil *Cartilha da Paz*. Ilustrado por Wellington Chagas Torres, a obra tem como autores Ester Abreu Vieira de Oliveira, Francisco Aurélio Ribeiro e Renata Bomfim.

◉ Com ilustrações de Otávio Roth, a Companhia das Letrinhas lançou *O Livro da História da Comunicação*, de Ruth Rocha.

◉ *Curar o Ressentimento* (Bazar do Tempo), de Cynthia Fleury, faz uma análise do contexto atual – das redes sociais às forças políticas.

◉ Publicado originalmente na revista *Les Lettres Nouvelles*, em 1958, *Os Deuses Falam Pelos Govis* traz o relato de Pierre Mabille (1904-1952), importante autor do surrealismo francês, sobre aspectos do Haiti que fogem do lugar-comum.

◉ *Quem Matou meu Pai e Lutas e Metamorfoses de uma Mulher* (Editora Todavia), do francês Édouard Louis, denuncia como o descaso político afetou a vida de sua família.

◉ Em *Dias de se Fazer Silêncio* (Autêntica), Camila Maccari ensina que até a tristeza profunda precisa passar.

◉ Terapeuta gaúcha, Aline Dalcin lançou a obra *Ser para Ter: 12 passos para uma vida plena* (Citadel).

◉ Tendência mundial, organização doméstica minimalista ganha novo propósito com ensinamentos de uma antiga tradição escandinava no best-seller internacional *O que Deixamos para Trás* (Intrínseca), de Margareta Magnusson.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Areia perigosa

"Alessandra devia saber dos riscos de nadar na lagoa que se formou no antigo areial."

Que perigo! Ainda maior, já que o vocábulo não existe.

Observe:

Usa-se a vogal **e** e não a vogal **i**, antes da sílaba tônica, nos substantivos e adjetivos derivados de substantivos terminados em **–eio** e **–eia** ou com eles tenham relação direta. Ex.: ald**e**ão (ald**eia**), cand**e**eiro (cand**eia**), entre outros.

Frase correta: "Alessandra devia saber dos riscos de nadar na lagoa que se formou no antigo **areal**."

Relendo Fernando Pessoa

"Quem não vê bem uma palavra não pode ver bem uma alma." Só uma pessoa com a sensibilidade de Fernando Pessoa poderia escrever dessa forma. Ele foi um amante da língua portuguesa e deixou ao mundo um grande legado através de suas obras. Ler e entender Fernando Pessoa é um privilégio.

Padrão

O esforço é grande e o homem é pequeno:
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
Este padrão ao pé do areal moreno
E para diante naveguei.

A alma é divina e a obra é imperfeita.
Este padrão sinala aos ventos e aos céus
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:
O por-fazer é só com Deus.

E ao imenso e possível oceano
Ensinam estas Quinas, que aqui vês.
Que o mar com fim será grego ou romano:
O mar sem fim é português.

E a Cruz ao alto diz que o que me há na alma
E faz a febre em mim de navegar
Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar.

Conhecendo Fernando Pessoa

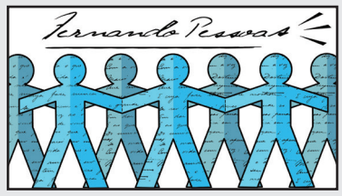
O poeta Fernando Antônio Nogueira Pessoa era português. Nasceu em Lisboa, em 1888. Seu pai teve ascendentes judeus.

Os primeiros estudos foram feitos em Durban, na África do Sul, pois, após a morte de seu pai, sua mãe se casou novamente, indo para o continente africano para acompanhar o marido.

Em 1903, Fernando Pessoa recebeu o Prêmio Rainha Vitória, destinado ao melhor ensaio de redação.

Fez o curso de Letras quando retornou a Lisboa. Viveu muito a multiplicidade literária através da criação de heterônimos (1911). Foi o grande escritor que influenciou as gerações posteriores, tanto em Portugal como no Brasil. Faleceu em 1935, vitimado por uma cirrose hepática, resultante do abuso do álcool.

Você sabia?



Heterônimo – é outro nome, de pessoa imaginária, a quem um escritor atribui a autoria de certas obras suas, obras com características e tendências diferentes do próprio autor. Fernando Pessoa teve 17 heterônimos, sendo os principais Alberto Caieiro, Álvaro Campos e Ricardo Reis.

Boas-vindas

"Seja bem vindo! Assim é recebido o turista quando chega ao pórtico de entrada da cidade."

Isso não pode ser!

Ninguém é "bem vindo" e sim **bem-vindo**, porque o advérbio **bem** deve ser separado do segundo elemento por hífen, na maioria das palavras.

Frase correta: "Seja **bem-vindo**! Assim é recebido o turista quando chega ao pórtico de entrada da cidade."

O corvo

Por Raquel Naveira*

Foi depois da chuva com rajadas de vento e trovões que o corvo pousou em minha janela. A ave negra dos românticos, a que costuma planar sobre os campos de batalha a fim de devorar a carne dos cadáveres, a astuta mensageira da morte saída da escuridão, pousou em minha janela.

A mesma cena lúgubre e gótica aparece no poema do escritor norte-americano Edgar Allan Poe (1809-1849). O poeta, um ser melancólico, fechado em sua vida livresca, amargando a saudade atroz de sua amada Lenora, que tão jovem partira deste mundo, ouve um ruído. Com o coração aflito, abre a janela e eis que penetra na sala um vulto, um corvo vindo de eras ancestrais. Adeja pelo espaço e pousa sobre um busto, uma escultura da deusa da sabedoria, Minerva. O contraste: o branco do mármore e as plumas pretas do pássaro empoleirado. É a alma da noite, a esfinge negra, a ave sombria, a soleníssima figura. O poeta então fala com o pássaro. Pergunta o seu nome e o pássaro responde: "Nunca mais." Pede então que a ave vá embora e que alce voo e ela contesta: "Nunca mais, nunca, nunca mais." O poeta questiona: "És um profeta? Um anjo do mal?" E o corvo repete: "Nunca mais." A ave ficou imóvel, horas a fio, sobre o busto de Minerva. A luz da lâmpada atirando ao chão a sua sombra. O poeta reconhece que sua alma, presa àquela sombra, não se erguerá nunca mais.

Ligado à imagem do corvo está também o escritor de língua alemã, nascido em Praga, Franz Kafka (1883-1924). Seus textos estão cheios de brutalidade física e psicológica, de conflitos entre pais e filhos, de labirintos mentais, de transformações místicas como no célebre *A Metamorfose*, em que o personagem, Gregor Samsa, se vê transformado num pavoroso inseto. Em tcheco, "kafka" é corvo. Que ave simbolizaria melhor uma obra voltada ao pesadelo? A romancista paulistana, Jeanette Rozsas, escreveu *Kafka e a Marca do Corvo*. Ela nos conduz a uma emocionante aventura existencial. Nessa narrativa, Kafka está vivo, em meio a angústias e impasses. Mal sabia ele que influenciaria outros escritores trazendo à tona o magnetismo do absurdo kafkiano que gerou correntes como o realismo mágico na literatura. Os personagens de sua biografia são marcantes: o pai e antagonista implacável, Hermann Kafka, a quem escreveu a Carta ao Pai; as paixões problemáticas: Felice Bauer, Julie Worhryzek, Milena Jesenká e Dora Diamant. E o amigo e confidente, Max Brod, responsável pela divulgação da obra de Kafka, depois de sua morte. História triste, atormentada. Kafka ouve o corvo da tuberculose, do castigo, da violência misturada com amor. Geme e se entrega, pois, em matéria de arte, é preciso rejeitar a vida para ganhá-la.

Todas as vezes que passo em frente ao Palácio do Catete, prédio histórico do Rio de Janeiro, de arquitetura neoclássica, que abriga hoje o Museu da República, intrigam-me aquelas aves de ferro colocadas no topo da fachada. Serão águias? Abutres? Gralhas? Condores? Urubus? Corvos? Harpias? O certo é que são assustadoras, de mau agouro, afinal, foi ali que o Presidente Getúlio Vargas (1882-1954) suicidou-se com um tiro no coração, o sangue aos borbotões manchando o pijama listrado. Esse homem polêmico que governou o Brasil por vinte anos, através de um golpe de Estado e também por voto direto, influencia até hoje o palco político por meio das instituições sociais e econômicas que criou. Foi pressionado pela imprensa e por militares a renunciar por causa do atentado que sofrera o jornalista opositor, Carlos Lacerda, e o assassinato do Major Rubens Vaz, quando andavam pela rua Tonelero. Getúlio nunca perdeu a dignidade e o autodomínio. Talvez o corvo tenha entrado pela janela de seu quarto e o aconselhado a assinalar a História com um ato trágico. Talvez o pássaro tivesse pousado sobre a escrivaninha e ditado a ele sua carta-testamento: "Deixo à sanha de meus inimigos o legado da minha morte." Tantas eram as mentiras, as torpes calúnias em torno de um crime que não cometera. Os corvos do telhado testemunharam tudo, ficaram à espreita, jogando suas sombras sobre o destino do país.

Meu coração está pesaroso enquanto observo o corvo no umbral da minha janela.

*Raquel Naveira é membro da Academia Matogrossense de Letras.

Origem dos nomes dos dias da semana

Por José Augusto Carvalho*

Há três tipos de nomes para os dias da semana: os da astronomia ou planetários, os da mitologia nórdica e os numerados, reminiscência da tradição cristã de numerar os dias a partir do sábado.

Na nomenclatura planetária, partia-se dos planetas conhecidos da época, por ordem decrescente da distância da Terra: Saturno, Júpiter, Marte, Vênus e Mercúrio. Se terminarmos a contagem pela Lua e pusermos o Sol no centro, teremos a seguinte ordem astrológica: Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio e Lua. O número quatro é considerado um dos mais cabalísticos. Quatro são as fases da Lua, quatro são os elementos (fogo, terra, ar e água), quatro são as letras do nome do primeiro homem (Adão), quatro é o número de letras do tetragrama de Deus: IHWH, de Iahweh; quatro são as proposições aristotélicas (duas afirmativas, A, I) e duas negativas (E, O) etc. Todo o sistema de pensamento jungiano, por exemplo, se fundamenta na importância fundamental do número quatro, já que a quaternidade representa para ele o fundamento arquetípico da psique humana. Assim, se contarmos até quatro seguindo a ordem astrológica acima a partir de Saturno, chegaremos a Sol (primeiro dia da semana); a partir de Sol, contando até quatro, chegaremos a Lua (lunes, lunedi, lundi), o segundo dia; contando até quatro, a partir de Lua, chegaremos a Marte (martes, martedi, mardi) etc. Assim, de quatro em quatro, temos:

Saturno, Júpiter, Marte, Sol = Primeiro dia (dia do Sol)
Sol, Vênus, Mercúrio, Lua = Segundo dia (dia da Lua)
Lua, Saturno, Júpiter, Marte = Terceiro dia (dia de Marte)
Marte, Sol, Vênus, Mercúrio = Quarto dia (dia de Mercúrio) etc.

Assim, quarta-feira é dia de Mercúrio (miercoles, mercoledi, mercredi); quinta-feira é dia de Júpiter (jueves, giovedi, jeudi); sexta-feira é o dia de Vênus (viernes, venerdi, vendredi). Sábado é o dia de Saturno (Saturday, em inglês). Sábado se origina do hebraico Shabbath, que significa "repouso" e seria o sétimo dia da semana ou o dia de descanso para os judeus. Em inglês, o dia de Júpiter é o de Thor, filho de Odin, na mitologia escandinava, ou o deus do trovão. Assim, em inglês, Thursday é o dia de Thor; e, em alemão, é Donnerstag, pois Donner, em alemão, significa trovão. A terça-feira é dedicada a Tyw, o deus maneta da força e da guerra, na mitologia nórdica, equivalente a Marte. Assim, Tuesday é o dia de Tyw. A sexta-feira em inglês é dia da deusa Freya, esposa de Odin, deusa da juventude, do amor e da morte, na mitologia nórdica, equivalente a Vênus, donde o nome "Friday" em inglês e "Freitag", em alemão. A quarta-feira, em inglês, é dedicada a Odin ou Wedin ou Wotan, na mitologia escandinava, equivalente a Zeus, donde o nome "Wednesday".

Foi a partir dos dias em que durava cada fase da Lua que se estabeleceu a semana hebdomadária, isto é, com sete dias, o que foi legalizado pelo Concílio de Niceia, em 325. A contagem numérica dos dias da semana começou pela tradição cristã antiquíssima de numerar os dias a partir do sábado. O domingo seria a "prima sabbati", isto é, o primeiro dia depois do sábado; o dia seguinte seria "secunda sabbati", etc. O domingo era o dia do Senhor (em latim: Dominus). O primeiro a chamar "dia do Senhor" ou "Domingo" a um dia da semana foi São Justino, fundador da primeira escola cristã em Roma, onde foi martirizado no ano 165. Foi o Papa São Silvestre que determinou que não se desse número ao domingo.

Nem toda semana foi hebdomadária. O calendário da Revolução Francesa dava ao mês a duração de 30 dias divididos em três semanas de dez dias, em que os domingos foram abolidos por sua característica religiosa. Os dias da semana eram assim chamados: primidi, duodi, tridi, quartidi, quitidi, sextidi, septidi, ocitidi, nonidi e decadi.

O equivalente a "feira", mercado, em latim, era a palavra nundinae (o feirante era o nundinator). O nome atual feira é alteração de feriae (nome feminino plural que designava férias, descansos, donde a palavra feriado). Domingo era dia de descanso, "feira". Os agricultores se reuniam aos domingos depois da missa no adro das igrejas para venderem seus produtos. Feira, descanso, passou a significar comércio. A segunda-feira seria o segundo dia de feira. A expressão "freguês", cliente comercial, vem do latim "filiusecclesiae", isto é, filho da Igreja. Até hoje se usa a palavra "freguesia" para designar uma paróquia.

Para os cristãos, sábado e domingo são realmente os dias finais da semana (já que domingo é o sétimo dia, o dia de descanso do Senhor). O problema é que, por causa do nome "segunda-feira", o falante do português acha que, por isso, domingo seria o primeiro dia da semana, quando, na verdade, é o último. Para os judeus, sábado é o último dia da semana.

Essa, pois, é a origem dos nomes dos dias da semana em português.

*José Augusto Carvalho, mestre em linguística e doutor em língua portuguesa, é autor de vários livros sobre nossa língua, como *Problemas e curiosidades da língua portuguesa* (Brasília: Thesaurus, 2014), *Crônicas linguísticas* (São Paulo: Opção, 2015), *Estudos de língua portuguesa* (São Paulo: Cajuína, 2019).

Uma rendeira nunca está sozinha

Por Manoel Goes*

Originário da Europa e trazido para o Brasil pelos portugueses, o ofício das Rendeiras de Bilro se espalhou pelo Brasil e no Espírito Santo, onde existem relatos e imagens de mais de um século que registram as rendeiras na Barra do Jucu, Guarapari, Conceição da Barra, São Mateus e Colatina. Essa tradição das rendeiras de bilro teve diminuída sua produção a partir dos anos 1970, e mesmo assim algumas rendeiras continuaram fazendo rendas. A partir de 2015, iniciou-se na comunidade o trabalho de resgate desta cultura, ampliando o grupo de Rendeiras de Bilros outrora tão atuante. Uma tradição da cultura popular canela-verde que estava quase perdida, digo quase, porque ainda tivemos senhorinhas lideradas pela mestra Dona Rosinha (Rosa Leão Malta), falecida em 2019, responsável por manter nas famílias e nas amigas mais próximas ainda viva essa arte secular de tecer rendas em uma almofada com ajuda de bilros de madeira, alfinetes e linha, que quase sucumbiu devido ao avanço da indústria têxtil.

Coube na histórica Barra do Jucu, paraíso de tantos saberes e fazeres, a retomada fortalecida das atividades das Rendeiras de Bilro por meio do atuante Grupo Barra da Renda, liderado desde 2016 pela incansável e talentosa arquiteta Regina Maria Ruschi, que vem renovando o ofício das rendeiras por meio de cursos e oficinas, tendo hoje no grupo mais de 60 rendeiras, dando destaque municipal e estadual a este patrimônio cultural quase perdido. Importante lembrar um dito popular de que "onde há renda, há rede", em que nas comunidades de pescadores cabia aos homens a pescaria, enquanto as mulheres teciam, e o lucro aferido se somava à renda para o sustento de famílias numerosas.

O "Projeto de Extensão Design Joia – UFES", por meio do seu Laboratório "LabDesignJoia", realizou no mês de maio passado uma oficina participativa com as Rendeiras de Bilro do Grupo Barra da Renda, na Barra do Jucu, com a participação também de estudantes de diversos cursos da Ufes e profissionais ligados ao design de produtos, comunicação e marketing, e do ramo de joias. O intuito dessa oficina foi apresentar aos participantes as possibilidades de desenvolvimento de joias a partir da cultura local que envolve a Renda de Bilro, fomentando o seu valor cultural, a produção local, com inclusão social, renda, sustentabilidade e identidade territorial. Este projeto teve a coordenação do professor Marcos Antonio Spinassé.

Desde 2022, as Rendeiras de Bilro de Vila Velha têm aprovada a Lei Municipal nº 6. 646, de autoria do vereador Joel Rangel, sancionada pelo prefeito Arnaldinho Borgo, que institui no calendário oficial do Município o Dia Municipal da Rendeira de Bilro, a ser comemorado anualmente, no dia 20 de julho, data alusiva ao aniversário da grande mestra Dona Rosinha, responsável principal por ensinar esse ofício para um grupo de mulheres que hoje leva a prática à frente, e que ganha cada vez mais espaço e adesão, valorizando as tradições do município. Afinal, uma rendeira nunca está sozinha!

*Manoel Goes é escritor, curador cutural e diretor no IHGES.

Livros e Autores

Por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

Maria na Terra de Meus Olhos

Maria na Terra de Meus Olhos (Ed. Rocco), de Oscar Araripe, foi publicado em 1975, com prefácio do saudoso acadêmico Antonio Houaiss. O filólogo não poupou elogios ao autor (chamando-o de "aedo, cantor, cantador, poeta, narrador, possesso possuído de outro possesso, vital e 'literário") e à obra: "Não é sem razão que a sacralidade, não apenas verbal, que impregna este canto de rebeldias a um tempo a Zoe, a Eros e a Thánatos, das magias e dos mistérios primevo-vivos, aos helênicos e aos pré, aos bruxedos medievais com toques de feitiçarias de todos os quadrantes, é uma mescla arcaica e viva, com fórmulas verbais divinas de par com solturas de vivências escatológicas e fresceninas cotidianas e prefiguradoras."
Na orelha, mais aplausos de outro acadêmico. Eduardo Portella sentenciou: "Não se fala sobre a linguagem; fala-se a partir dela.
O texto é simultâneo: narrativa-poema. Carrega consigo a percepção cortante – profundo corte – do homem e das coisas." Oscar Araripe nasceu no Rio de Janeiro, em 19 de julho de 1941. Pintor, desenhista, escritor, ensaísta, crítico e teórico de Arte e Cultura, arte-educador, periodista e animador cultural, é, entre outros títulos, Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Poema dos Becos de Goiás e Estórias Mais

Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, de Cora Coralina, chega, agora, em sua 24ª edição pela Global Editora com novo projeto gráfico e tratamento editorial. Fazem parte desta obra alguns dos poemas de maior destaque da carreira da autora goiana, como Minha cidade, Antiguidades e Becos de Goiás. Poemas que falam com delicadeza e simplicidade sobre personagens e locais do cotidiano de Cora Coralina.
A edição mantém vivos alguns tesouros em forma de textos complementares, como Cora Brêtas – Cora Coralina, de J. B. Martins Ramos e a apresentação de Oswaldino Marques: Cora Coralina, Professora de Existência. Ao longo das 240 páginas, são apresentadas ilustrações e gravuras de locais apresentados na obra e que marcaram a vida da autora.
Ana Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas (18891985), nome de batismo de Cora Coralina, nasceu em Goiás, em 1889. Embora escrevesse desde moça, tinha 76 anos quando seu primeiro livro foi publicado, e quase noventa quando sua obra chegou às mãos de Carlos Drummond de Andrade – responsável por sua apresentação ao mercado nacional. O cotidiano e as inquietações humanas são temas constantes em sua obra, considerada por vários autores um registro histórico-social deste século.

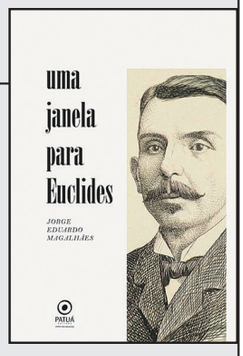
O Homem que Calculava

Com mais de 2 milhões de exemplares vendidos no Brasil, *O Homem que Calculava* (Ed. Record), de Malba Tahan, ganhou nova capa e prefácio do professor e tradutor Mamede Mustafa Jarouche para sua 109ª edição.
Usando a Matemática de forma leve e cativante, Malba Tahan (pseudônimo do professor Júlio César de Mello e Souza) relata as incríveis aventuras de um genial calculista persa – o viajante Beremiz Samir – com o dom intuitivo da Matemática, cujas soluções fantásticas para problemas aparentemente insolúveis se tornaram lendárias na antiga Arábia, encantando reis, poetas, xeques e sábios.
O livro vem sendo consumido com muito interesse há várias gerações. Apresentando a Matemática de forma divertida, Malba Tahan uniu ciência e ficção, com talento e imaginação, criando personagens e situações de grande apelo popular nessa obra-prima da literatura infantojuvenil.
O escritor árabe Malba Tahan é o pseudônimo do brasileiro Júlio César de Mello e Souza. Nascido no Rio de Janeiro, em 1895, Mello e Souza formou-se em Engenharia e foi nomeado professor do Instituto de Educação, onde lecionou Matemática, Literatura Infantil e Folclore, tornando-se professor catedrático. Seu primeiro título foi *Contos de Malba Tahan*, entre muitos outros. Nos anos 1940, criou a "Universidade do Ar" — programa pioneiro de ensino a distância. Dedicou a vida à educação. Morreu em Recife, em 1974.

Agulha de Coser o Espanto

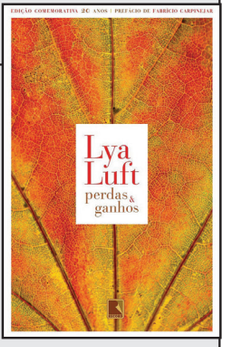
*Agulha de Coser o Espant*o (Área de Criação, Teresina, 2023) é o 12º livro do poeta e ensaísta parnaibano Diego Mendes de Sousa.
Com 100 páginas, dividido em três partes (Agulha de coser o Ridículo, Agulha de coser o Tempo e Agulha de coser o Amor), a publicação conta com belíssimas ilustrações de Iri Santiago. A obra tem prefácio da saudosa acadêmica Nélida Piñon (1937-2022), que elogia o fazer poético do autor: "Diego Mendes Sousa tem o dom para sondar a natureza como matéria poética. Escrever, para ele, é também mágico."
Na contracapa, o acadêmico Carlos Nejar, "o poeta do Pampa brasileiro", afirma que a poesia de Diego Mendes Sousa "canaliza forte amor à terra natal", por meio da "presença marítima, com temas que se entrelaçam, harmonicamente, como o amor, a morte, a solidão, a miséria, o limite".
Comemorando vinte anos de carreira literária, iniciada aos treze anos de idade na cidade de São Luís do Maranhão, o poeta, cronista, crítico literário e memorialista Diego Mendes de Sousa (1989) é autor, entre outros, de *Divagações* (2006), *Metafísica do Encanto* (2008), *Fogo de Alabastro* (2011), *Candelabro de Álamo* (2012), *Velas Náufragas* (2019), *Fanais dos Verdes Luzeiros* (2019) e *Rosa Numinosa* (2022).

Uma Janela para Euclides



Uma Janela para Euclides (Ed. Patuá), de Jorge Eduardo Magalhães, conquistou o primeiro lugar no Concurso Literário Internacional da União Brasileira de Escritores – RJ (Prêmio Oduvaldo Vianna Filho, 2022), na categoria dramaturgia.
Ambientada no Rio de Janeiro, a obra sintetiza em texto teatral uma grande história – a tragédia da Piedade – que vitimou o escritor Euclides da Cunha, em 1909. A trágica morte do escritor é narrada de forma criativa, através da casa de uma família formada por quatro mulheres, vizinha do local onde o autor de *Os Sertões* foi assassinado. Dali, as vizinhas discutem sonhos e frustrações, além de vivenciar o assassinato cometido por Dilermando.
No posfácio, Ricardo Cravo Albin, presidente do PEN Clube do Brasil, elogia: "Despido do peso de teses acadêmicas sobre assuntos até hoje debatidos, o autor vai fixando com leveza, ao longo dos diálogos das quatro mulheres, o cenário psicológico que resultou na trágica manhã daquele 15 de agosto de 1909." Jorge Eduardo Magalhães nasceu no Rio de Janeiro, no dia 13 de fevereiro de 1972. É pós-doutor em Letras, ensaísta, romancista, contista, cronista e autor teatral. Membro da Academia Luso-Brasileira de Letras, do Pen Clube do Brasil e do Instituto Internacional Cultura em Movimento, é autor de várias obras e conquistou diversos concursos literários.

Perdas & Ganhos



Perdas & Ganhos (Grupo Editorial Record), best-seller da saudosa gaúcha Lya Luft, morta em 2021, foi relançado em edição comemorativa pelos 20 anos da publicação, com prefácio inédito de Fabrício Carpinejar. O livro ficou 113 semanas consecutivas no topo dos mais vendidos da revista *Veja*, foi traduzido para 13 países e vendeu quase um milhão de exemplares. Em 2015, foi adaptado para os palcos, em um monólogo de Nicette Bruno, com direção de Beth Goulart.
O sucesso de vendas no Brasil e no mundo reforça a universalidade da mensagem, que reúne temas como encontros e desencontros, a passagem do tempo, a infância, a maturidade e a velhice, as dificuldades do convívio amoroso, as relações familiares, a interrogação da morte e da própria vida.
Lya Luft estreou com o romance *As Parceiras* (1980), seguido de vários outros sucessos editoriais. Com *O Tigre na Sombra* (2012), venceu o Prêmio da Academia Brasileira de Letras em 2013. Sua obra foi traduzida em muitos países. Formada em Letras Anglo-Germânicas e com mestrados em Literatura Brasileira e Linguística Aplicada, foi professora titular de Linguística (1970-1980). Depois disso, dedicou-se unicamente à tradução e à sua literatura. Faleceu em 2021, em Porto Alegre, aos 83 anos.

Relembrando Millôr

Por Almir Ghiaroni*

Aproxima-se o centenário do nascimento de Millôr Fernandes, humorista, desenhista, dramaturgo, escritor, poeta, tradutor e jornalista brasileiro.

Muitas serão as homenagens que lhe serão rendidas, com absoluta justiça.

Como tive o privilégio de ser seu amigo, lembro de várias ocasiões especiais em que estivemos juntos.

Em uma delas, o professor Ivo Pitanguy me incumbiu de agendar um jantar para que eles se reencontrassem, depois de muitos anos.

O jantar foi marcado em uma terça-feira na casa do professor e eu fiquei de buscar o Millôr em casa.

Por volta das 17h, recebi um telefonema da D. Vanda, esposa do Millôr, que não poderia acompanhá-lo, e queria me fazer um pedido:

– Almir, tenho notado que o Millorzinho, ultimamente, tem acordado mal-humorado quando bebe na noite anterior.

Fiquei calado, esperando o que ela ainda tinha para dizer.

– Queria te pedir para não deixá-lo beber durante o jantar.

Eu disse a ela que ficaria atento e que me esforçaria ao máximo para cumprir o que ela havia me pedido.

No horário combinado, acompanhado de Georgia, minha mulher, peguei o Millôr na casa dele, na Aníbal de Mendonça, e rumamos para a casa do professor, no alto da Gávea.

Logo que chegamos, nosso anfitrião já nos aguardava com uma garrafa de Don Pérignon para brindar àquele encontro de dois amigos que, mesmo sem se verem há muito tempo, eram pontos importantes nas geografias afetivas do outro.

Durante o jantar, bebemos um borgonha branco e um bordeaux tinto, ambos escolhidos com carinho pelo mestre Pitanguy.

A impressão que tivemos era de que Millôr e Pitanguy conseguiram, em cerca de duas horas, colocar os assuntos em dia.

Essa impressão se desfez quando Millôr falou sobre um jogo de tênis que ele teria ganho e Pitanguy teria pedido uma revanche.

Nosso querido professor disse que, pelo que se lembrava, cada um tinha ganho uma partida e eles ficaram de marcar a partida decisiva.

Nesse momento, Pitanguy nos convidou para acompanhá-lo à biblioteca para resolver essa questão.

Lá chegando, ele perguntou ao Millôr o que ele gostaria de beber.

– Um poire, disse ele sem hesitar.

Pitanguy pediu ao garçom que trouxesse a bebida, mas disse:

– Antes do seu poire, vamos tomar um conhaque que eu estou guardando para abrir com você há muito tempo.

Levantou-se, foi até uma mesa onde repousavam algumas garrafas e voltou com uma de Hennessy do século passado.

Foi uma dessas ocasiões que a gente deseja que não termine, em que todos nós nos limitamos a ouvir o que os dois gigantes tinham a dizer.

Depois de uma calorosa despedida, deixamos Millôr em casa, com uma expressão de genuína felicidade.

No dia seguinte, já no final da tarde, recordando do que havíamos bebido na noite anterior, me perguntei como estaria o Millôr.

Telefonei para D. Vanda e ela me agradeceu porque o Millorzinho estava ótimo, super bem-humorado, a ponto de ter feito a barba cantando.

As palavras da D. Vanda me deixaram aliviado.

Meus dois primeiros romances tiveram a apresentação escrita pelo Millôr.

Em *As Cores da Vida*, ele se refere a Roma como a cidade "do gênio humano exposto a céu aberto" e, em *Elos Invisíveis*, ele diz:

"Aprendi bem cedo, nos curiosos e livres caminhos de minha leitura, que tudo o que a gente acha bom é bom. À medida que fui lendo mais, embora tendendo ao mais difícil, nunca me afastei da incomparável facilidade de Rubem Braga e dei um basta a qualquer hierarquia."

Millôr figura não só entre os amigos, mas, também, na galeria de pessoas de exceção que tive a felicidade de conhecer.

Tomara que no próximo dia 16 ele tenha a companhia do Bianco, do professor Pitanguy e de tantos outros amigos, no almoço em comemoração ao seu centenário.

*Almir Ghiaroni é oftalmologista e escritor, autor de *Uma vida Não Basta* e *Sem Luta Não se Vive*, entre outros livros.

Às vezes, a última oração é a que abre portas

Por Peilton Sena*

Poema / Prece

Da cabeça
Aos pés
Eu me cubro
de Amor e Fé

Eu sou a luz
Que nenhuma sombra
Pode encobrir
Nenhuma flecha
Pode ferir
Nenhum laço
Pode prender

Sou a consciência pura
A Paz segura
A terra fértil e pronta
Para a cósmica semeadura
Moldado pelas Mãos
Do Poeta Maior
Sou também um lindo
Universo em miniatura

Sou a canção das estrelas
a Alegria alvissareira
O Amor que floresce
O Bem que aquece
A Mão Amiga na
Desventura

Sou parte da cura
E não da doença
Dentro de mim
A Divina Presença

Assim é!

*Peilton Sena é da Academia Santista de Letras.

"Sobre História"

"Aquilo que os historiadores investigam é real; sem a distinção entre o que é e o que não é, assim não pode haver história.

Roma derrotou e destruiu Catargo nas Guerras Púnicas – e não o contrário.

O modo como montamos e interpretamos nossa amostra escolhida de dados verificáveis (o que pode incluir não só o que aconteceu, mas o que as pessoas pensaram a respeito) é outra questão."

ERIC HOBSBAWM

Natália Correia: a intervenção literária e política

Por António Valdemar*

A criação literária de Natália Correia possui dois componentes fundamentais: o pendor lírico, ao aprofundar os sentimentos mais íntimos, e a sátira escaldante e corrosiva para ajuste de contas com poetas, escritores, artistas, políticos e outras pessoas que detestava.

Trinta anos depois da morte e ao comemorar-se a 13 de setembro o centenário do nascimento, perdura a obra literária de Natália Correia, que celebrou a vida como expressão de euforia, de afirmação de coragem, de inconformismo colérico, de rebeldia aparatosa.

Teve enorme repercussão em Portugal. Privou com intelectuais brasileios não é (ou não foi) ignorada por Carlos Nejar, Alberto da Costa e Silva, Carlos de Lacerda, Jorge Amado e Zélia Gatai, João Ubaldo Ribeiro. E, ainda, de Nélida Pinon, Lygia Fagundes Telles, Dário de Castro Alves e Dinah Silveira Queiroz… Óbviamente por José Mindelin e António Olinto. Em Portugal, pertencia ao reduzido número de mulheres que basta só dizer um nome para as identificar na amplitude da sua criação artística e na singularidade da sua dimensão humana – Natália, Sophia, Vieira (da Silva), Agustina, Amália.

Nasceu, em 1923, nos Açores, na ilha de São Miguel, na Fajã de Baixo, uma freguesia do interior, próximo de Ponta Delgada. Pai e mãe separaram-se quando Natália tinha alguns meses. O pai emigrou para o Brasil. A mãe de Natália, a professora primária Maria José Oliveira, formara-se no ideário cívico e cultural da Iª República, adotando princípios laicos e tendências libertárias, o que era raro na época e muito mais raro nos Açores. Além do exercício do magistério, colaborou em jornais e revistas. Mas, desde sempre, preocupou-se com a educação das filhas, incutindo-lhes os valores da democracia e a aproximação com a modernidade.

Radicou-se, em 1934, definitivamente, em Lisboa. Quiz dar às filhas – para triunfarem na vida – as oportunidades que não existiam nos Açores. Natália ganhou projeção nos anos 1940. Conciliou o jornalismo, a literatura e a política. Aderiu à oposição democrática; teve programas no Rádio Clube Português, escreveu em jornais e revistas. Assinou, em 1945, as listas do MUD (Movimento de Unidade Democrática). Todavia, ao contrário da maioria dos jovens intelectuais e políticos da sua geração – casos como Mário Soares, Salgado Zenha – não ingressou no MUD Juvenil, dominado pelo Partido Comunista.

Os primórdios literários de Natália Correia refletem o neorrealismo, de raíz marxista e comunista e muito associado a alguns escritores brasileiros integrados no âmbito do regionalismo, nomeadamente, Graciliano Ramos. O romance de Natália *Anoiteceu no Bairro*, (1946) e o livro de versos *Rio de Nuvens* (1947) são dois exemplos.

Demarcou-se, todavia, nos anos 1950, deste movimento literário e político. Seguiu outro caminho, que prosseguiu com variantes óbvias. Mergulha no luxo ornamental, no jogo dos paradoxos e na exuberância do barroco. Passou a ficar próxima do surrealismo. Manteve relações pessoais e literárias com Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas, Alexandre O'Neill, Manuel de Lima e Mário Henrique Leiria. Acrescente-se Luís Pacheco, editor dos surrealistas na Contraponto. Lançou três livros de poesia de Natália, desta segunda fase: *Dimensão Encontrada* (1957), *Passaporte* (1958) e *Comunicação* (1959). É um repositório de inquietações e de perplexidades. Já o *Canto do País Emerso* (1961), livro de apoio à ocupação do navio Santa Maria, comandada por Henrique Galvão, ao sair do Brasil para Portugal. Destinava-se a provocar a queda do regime chefiado por Salazar e do seu Governo. E a acelerar a autodeterminação ou independência de Angola, Moçambique, Guiné e outros territórios coloniais. Representa o *Canto do País Emerso*, no contexto da obra de Natalia Correia, a transição para o combate politicou outros livros de poesia, de ficção, de teatro, de ensaio e de crônicas ocasionais em revistas e jornais. Se a identificação de Natália Correia com Lisboa foi muito intensa, o vínculo com os Açores foi profundo: "Para Lisboa me trouxeram/ não de uma vez e embarcada: / minha longa matéria foi/ pouco a pouco transportada. / Recém-vinda de ficada/em morosa maravilha, / sempre a chegar a Lisboa/ e sempre a ficar na ilha". Um dos seus livros mais famosos, *Não Percas a Rosa*, registra as reminiscências visuais, auditivas e gustativas que remontavam à infancia e ao começo da adolescência, na ilha de São Miguel.

Natália Correia numa interpretação de Álvaro Carrilho.

Na linhagem medieval das Cantigas de Escárnio e Maldizer, Natália concebeu as *Cantigas de Risadilha*. Enfrentou todos os poderes e todos os convencionalismos. Ficaram célebres os versos para arrasar o deputado do CDS, João Morgado, quando se pronunciou na Assembleia da República, acerca da legislação sobre o aborto. Morgado disse categoricamente: "o ato sexual é para fazer filhos". Natália, deputada do P S D, não se conteve e fez, de um jato, um poema que saiu na íntegra no dia seguinte, no *Diário de Lisboa*. Natália declamou com a maior ênfase: "Já que o coito – diz Morgado -/tem como fim cristalino, /preciso e imaculado/fazer menina ou menino; /e cada vez que o varão/sexual petisco manduca, /temos na procriação/prova de que houve truca-truca. / Sendo pai só de um rebento, /lógica é a conclusão/de que o viril instrumento/ só usou – parca ração!-/ uma vez. E se a função/faz o órgão – diz o ditado –/consumada essa exceção, / ficou capado o Morgado!"

Lisboa era a sua cidade adotiva. Juntamente com o marido e a escultora Isabel Meyrelles, criou, em 1971, uma sociedade para instalar um bar, restaurante/ café-concerto, no largo da Graça, no rés-do-chão da Vila Souza, um edifício histórico do bairro. Ficou a chamar-se o Botequim. Remontava à tradição literária, política e boêmia, dos primeiros cafés de Lisboa, do século XVIII, do tempo de Bocage e outras figuras que tomaram parte nos antecedentes da Revolução Liberal, de 1820, e da Independência do Brasil.

Encontrava-se Natália envolvida, em 1971, em controvérsias políticas e literárias que deram brado em todo o país. Desencadeara no consulado de Salazar e na "primavera marcelista" duas ruidosas polêmicas que a levaram à barra do Tribunal Plenário de Lisboa. O primeiro processo motivado pela introdução e coordenação da Antologia da Poesia Erótica e Satírica (1965). O segundo processo foi devido à responsabilidade editorial das Novas Cartas Portuguesas (1972), da autoria de Maria Velho da Costa, Maria Teresa Horta e Maria Isabel Barreno. Ambos os livros foram objeto do alarme da Censura e da imediata apreensão da PIDE (equivalente, no Brasil, ao DOPS). Foi julgada e condenada, ao cabo de nove anos de guerrilhas judiciais. O 25 de Abril determinou o ponto final.

Em torno de Natália, o Botequim concentrou, todas as noites, poetas, escritores e artistas das mais variadas tendências. Políticos de todos os quadrantes. Deputados, ministros (alguns futuros presidentes da República). Diplomatas portugueses e estrangeiros. Espiões nacionais e internacionais para se inteirarem dos bastidores do processo revolucionário e contra revolucionário. E, ainda, representantes da FLAD, o movimento da independência dos Açores. Durante mais de 20 anos a irradiação magnética de Natália proporcionou essa atmosfera irrepetível que Fernando Dacosta recriou no livro *O Botequim da Liberdade* (2013). Outra referência obrigatória é a *Fotobiografia de Natália Correia* (2006), da autoria de Ana Paula Costa. Recentemente saiu a biografia romanceada de Filipa Martins, com o título *O Dever de Deslumbrar*.

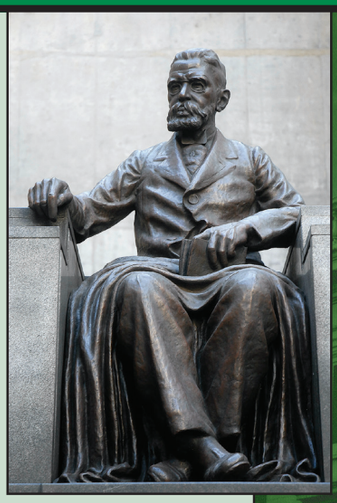
Estes e outros aspectos, muitos deles pontuais e efêmeros, vão se diluindo e esquecendo, na sucessão das gerações e na vertigem da História. O legado cultural de Natália Correia sobrevive. Celebrou a vida como expressão de euforia, de afirmação, de coragem pessoal e cívica, de rebeldia aparatosa, de inconformismo colérico. A sua poesia é sempre dominada por dois extremos: a confidência lírica e o sarcasco feroz. Uma Natália ávida de todas as experiências visíveis e invisíveis, em partilha contínua do profano com o sagrado.

---

*António Valdemar é jornalista, sócio efetivo da Academia das Ciencias de Lisboa e sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras.

126 Anos da Academia Brasileira de Letras

Por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com



Há 126 anos protagonizando ações de relevância cultural que a inscrevem no epicentro da nação, a Academia Brasileira de Letras (ABL) celebrou mais um aniversário, com uma noite marcada pela alegria e emoção.

A concorrida solenidade, no Petit Trianon, somou-se à entrega dos prêmios Machado de Assis, da medalha Machado de Assis, do prêmio Francisco Alves e da medalha João Ribeiro aos funcionários da ABL.

Mais importante prêmio literário da ABL – e o mais antigo do país – o Machado de Assis é conferido a nomes que se destacam pelo conjunto de sua obra. Em junho, a escritora Marina Colasanti foi anunciada como a vencedora deste ano. Ela recebeu R$ 100 mil pelo prêmio.

Uma das autoras mais premiadas do país, Colasanti já venceu sete vezes o Jabuti em diversas categorias, incluindo conto (*Eu Não Sei se Devia*, 1997), poesia (*Passageira em Trânsito*, 2010) e infantil (*Breve História de um Pequeno Amor*, 2014).

Nascida numa família de artistas, neta de um professor de uma escola de artes, crítico de arte e escritor, filha de Manfredo Colasanti e irmã de Arduino Colasanti, ambos atores, e sobrinha-neta de Gabriella Besanzoni, cantora lírica, Marina esteve sempre cercada por arte. Sua formação também como artista plástica possibilitou que ela mesma pudesse, mais tarde, ilustrar suas obras.

A vasta produção literária de Marina Colasanti abrange mais de cinquenta títulos de poesia, contos e crônicas, publicados no Brasil e traduzidos em diversas outras línguas. Suas obras são bastante variadas e atraem leitores de diversas faixas etárias.

Em seu discurso de agradecimento, Marina Colasanti falou sobre o carinho do público: "Entro em supermercado e me abordam dizendo que me reconheceram porque leram meus livros na escola. Eles continuam valendo."

Já a medalha Machado de Assis foi entregue ao publicitário Nizan Guanaes em reconhecimento a serviços relevantes prestados à Academia. Em 2022, o publicitário e consultor baiano criou uma campanha para as comemorações dos 125 anos da ABL. Um dos destaques foi o vídeo "Sou o Brasil; todos os Brasis", com personagens da literatura que se tornaram populares tanto em filmes quanto na teledramaturgia. A peça ressaltou a simbiose da literatura com a música e a dramaturgia, relembrando o sucesso das novelas da Globo criadas a partir de livros escritos por imortais da ABL.

Honrado com a premiação, Guanaes fez um discurso emocionado: "Estou muito feliz, e ainda descobri que a medalha foi criada no dia 8 de maio de 1958. E eu nasci no dia 9 de maio. Quem faz pela Academia não dá, devolve. Eu, tal e qual vocês, tiro meu sustento da língua portuguesa. Só que vocês fazem do simples o profundo", afirmou.

A trajetória de Guanaes é pontuada de sucessos. Entre eles, em 2010, foi eleito um dos cinco brasileiros mais influentes do mundo pelo *Financial Times*. No ano seguinte (2011), foi nomeado um dos 21 profissionais mais influentes na área de mídia e marketing pela *Advertising Age*, revista americana considerada uma das mais respeitadas do mercado publicitário. No mesmo ano, foi eleito uma das 100 pessoas mais criativas do mundo pela *Fast Company*, revista estadunidense de negócios e tecnologia.

Nizan Guanaes é, também, embaixador da Boa Vontade da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em reconhecimento por seu apoio às ações da organização nas áreas de educação, inclusão social e formação para os grupos vulneráveis.

Fotos: Michael Félix.

O publicitário Nizan Guanaes e o acadêmico Arnaldo Niskier.

O presidente da ABL, Merval Pereira, com os homenageados Nizan Guanaes e Marina Colasanti.

Outros prêmios

Depois de alguns anos passados em branco, a ABL voltou a conceder o prêmio Francisco Alves, destinado a especialistas em monografias de ensino elementar. A previsão do patrono era de que a concessão fosse de cinco em cinco anos, mas, por motivos diversos, inclusive a pandemia, isso não aconteceu nos últimos anos.

Por sugestão do acadêmico Arnaldo Niskier, aprovada por unanimidade no plenário da ABL, o prêmio de 2023 foi atribuído à educadora Roberta Barreto, hoje secretária de Estado de Educação e que foi também secretária Municipal de Educação do município de Duque de Caxias.

Graduada em História, Roberta Barreto tem mais de 30 anos de carreira. Foi diretora de escola e coordenadora regional da União dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME-Rio). Membro fundadora do Fórum de Combate à Violência contra a Mulher de Duque de Caxias, por duas vezes foi subsecretária de Estado de Governo. Formou-se na rede estadual pelo Instituto de Educação Roberto Silveira.

Os funcionários da ABL receberam a medalha João Ribeiro, pelos serviços prestados à cultura. Foram representados pela funcionária mais antiga da Casa, Carmen Oliveira. A medalha João Ribeiro foi criada em 1962 para homenagear pessoas ou instituições nacionais que se destacavam no âmbito editorial e cultural.

Além das premiações, a acadêmica Lygia Fagundes Telles, falecida em 2022, foi homenageada pelos Correios com um selo comemorativo, lançado durante a cerimônia.

Quando foi inaugurada, em 1867, a ABL deu início a uma fascinante jornada do espírito brasileiro, refinando a nossa cultura em compasso com o humanismo. Conjugando saberes diversos do cenário cultural, político e social, parte essencial do imaginário nacional se reforça através dos acadêmicos que, desde então, ajudaram a pavimentar o papel da instituição como guardiã e promotora do pensamento humanista.

A Casa de Machado, como ficou conhecida, equilibrada entre tradição e modernidade, foi mantendo os valores de sua fundação, com devoção ao empenho memorialístico.

Para o presidente da ABL, Merval Pereira, a Academia mostra que a cultura tem participação no cotidiano do país e está presente nas decisões da sociedade: “Fazer 126 anos num país como o Brasil, que esquece o passado muito rapidamente, é importante, é sinal de que a instituição está firmemente fincada na história brasileira e na história da cultura brasileira”, afirmou.

Antonio Carlos Secchin, secretário-geral da Academia, lembrou o papel da ABL para a cultura e a literatura brasileira. “Em 126 anos, a Academia Brasileira de Letras nunca foi vinculada a ideologias políticas. É um espaço aberto, simultaneamente, à preservação e à mudança”, enfatizou Secchin.

Nascida à margem de rupturas, a ABL carrega, em seu gene embrionário, a capacidade de regeneração e superação, com o respaldo de uma histórica pujança intelectual. As vozes, que nos chegam, hoje, do passado, solidificam a certeza da permanência da arte e do livre curso do pensamento criativo.

A mesa diretora da ABL, presidida pelo acadêmico Merval Pereira, com os acadêmicos Antônio Torres, Antonio Carlos Secchin e Geraldo Carneiro, na cerimônia de comemoração dos 126 anos da instituição.

A secretária de Estado de Educação Roberta Barreto recebe os cumprimentos de Elza e Merval Pereira.

A funcionária mais antiga da ABL, Carmem Oliveira, recebe os cumprimentos dos acadêmicos Evanildo Bechara, Arnaldo Niskier e sua esposa Ruth.

Literatura Infantil

Por Anna Maria de Oliveira Rennhack

Visite a nossa página na internet: annarennhack.wix.com/amor

Fantasia

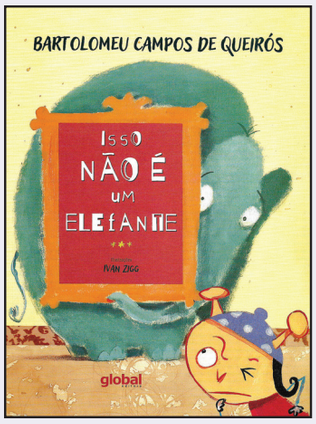
Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

A fantasia nos transporta para o mundo mágico onde situações surreais se transformam em viagens criativas que transportam as crianças – e todos nós –, para novas descobertas impossíveis no mundo real. Os contos fantásticos de Gabriel García Marquez, Ransom Riggs e Edgar Allan Poe são exemplos de riqueza de criatividade, imaginação, fantasia.

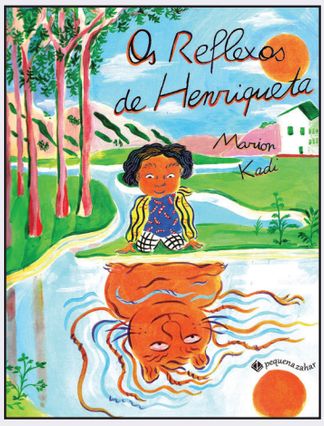
Quando pequenos nos identificávamos com o amigo invisível e acreditávamos em fadas, magos, bruxas e animais que falavam. É esse universo mágico que nos permite dar asas à imaginação e que os autores de literatura infantil apresentam com inúmeras possibilidades.

O querido Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012) afirmava que fantasiar é experimentar a liberdade.

Selecionamos obras onde a magia, a criatividade, a imaginação são os personagens principais:

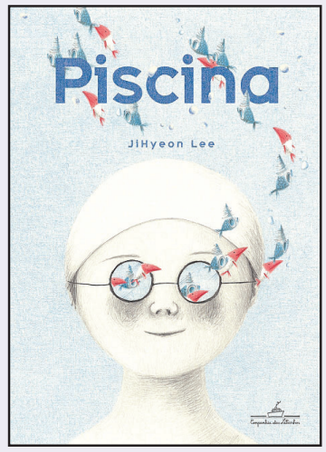


Isso Não é um Elefante (Global) – Bartolomeu Campos de Queirós apresenta uma divertida história: Você acha que está vendo um elefante, mas, na verdade, isso não é um elefante... é uma formiga! Como assim? Uma formiga pode se disfarçar de elefante? No mundo mágico tudo pode e Ivan Zigg demonstra isso com suas ilustrações.



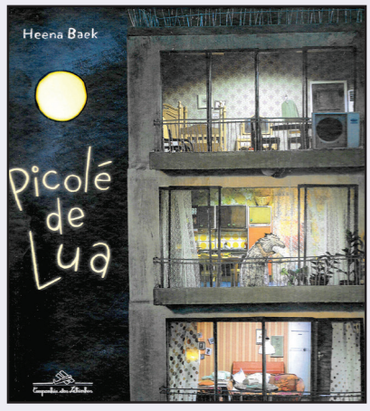
Os Reflexos de Henriqueta (Pequena Zahar) – Texto e ilustrações de Marion Kadi e tradução de Dani Gutfreund. Henriqueta não gostava de ir à escola, acho que ela precisava de um leão para conseguir ter um pouco mais de coragem. Agora ela consegue se divertir e conviver com os seus reflexos, com equilíbrio. Quantos de nós, às vezes, não precisamos de um leão?

O Livro Preferido de um Garoto Sabido (Brinque-Book) – Julia Donaldson e Axel Scheffler são conhecidos da garotada pelas histórias do Grúfalo. Julia escreveu e Axel ilustrou essa história divertida, que Gilda de Aquino traduziu. O menino está lendo seu livro preferido. Um livro em que diversos personagens da literatura surgem, também lendo! O que será que eles leem? Muitos livros dentro de um só!



P i s c i n a (Companhia das Letrinhas) – Lindo livro de imagens da artista sul-coreana JiHyeon Lee. O que acontece quando duas crianças tímidas se encontram em uma piscina lotada de gente? Ao mergulharem, descobrem um maravilhoso mundo mágico que une e diverte os personagens. E conclui a autora: A todos que desejam nadar livremente pelo mundo...

De Mentirinha (Salamandra) – Flávia Côrtes demonstra, através da solidão da menina, a fantasia e o pensamento mágico. As ilustrações de Renan Santos retratam a reflexão da autora. Sozinha em seu quarto, ela convive com diversos seres fantásticos: dragão, fada, bruxa... e a mãe, sempre muito ocupada, afirma que é tudo de mentirinha. Na escola, as crianças também acompanham o voo do dragão. É tudo imaginação! Afirma a professora. Que bom que as crianças acreditam e criam, com a imaginação, um mundo mágico repleto de histórias. Ainda bem que existem adultos mais sensíveis!



Picolé de Lua (Companhia das Letrinhas) – Heena Baek também é uma autora sul-coreana de livros ilustrados. Em 2020, recebeu o prêmio sueco ALMA (Astrid Lindgren Memorial Award); aqui no Brasil, a autora Ligia Bojunga foi premiada em 2004. *Picolé de Lua* (tradução ARA Cultural) me levou de volta à infância e a Érico Verissimo, que, em *As Aventuras do Avião Vermelho* (Globo), conta a história do menino Fernando, que leva seus companheiros à Lua, para tomarem sorvetes (setevros – na linguagem lunar). Em *Picolé de Lua*, em dia de grande calor, a síndica do prédio percebe que a Lua está derretendo... e corre para recolher as gotas que caem do céu, transformando-as em sorvetes iluminados. Mas o que será que vai acontecer com a Lua derretida?

Perguntas Inquietas (Pulo do gato) – Com texto e ilustrações de Beatriz Martín Vidal e tradução de Márcia Leite, o livro se destaca pela beleza da edição. A autora apresenta perguntas direcionadas a várias situações de contos de fadas consagrados (como *A bela adormecida*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Branca de Neve*...), criando hipóteses desconcertantes e deixando ao leitor a busca, em si mesmo, das respostas.

JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL

Maria Firmina dos Reis

(São Luís, Maranhão, 11 de março de 1822 – Guimarães, 11 de novembro de 1917) Escritora brasileira. É considerada a primeira romancista negra do Brasil. Ela publicou em 1859 o livro *Úrsula*, considerado o primeiro romance abolicionista do Brasil. O romance conta a história de um triângulo amoroso no qual os personagens são pessoas negras que contestam o sistema escravocrata. Em 1887, publicou na *Revista Maranhense* o conto "A Escrava". Maria Firmina dos Reis participou da vida intelectual maranhense: colaborou na imprensa local, publicou livros, participou de antologias e, além disso, também foi musicista e compositora. Ao ser admitida no magistério, aos 22 anos de idade, sua mãe queria que fosse de palanquim receber a nomeação, mas a autora optou por ir a pé, dizendo a sua mãe: "Negro não é animal para se andar montado nele." Também escreveu um "Hino da Abolição dos Escravos". Descreveu-se, em 1863, como tendo "uma compleição débil, e acanhada" por conta disso, "não poderia deixar de ser uma criatura frágil, tímida, e por consequência, melancólica". Era reservada, acessível, sendo estimada pelos alunos e pela população da vila: toda passeata de moradores de Guimarães parava em sua porta, ao que davam vivas e ela agradecia em discurso improvisado. Maria Firmina dos Reis morreu cega e pobre, aos 95 anos, na casa de uma ex-escrava, Mariazinha, mãe de um dos seus filhos de criação.

acervo JL

Gregório da Fonseca

Gregório Porto da Fonseca, engenheiro militar, poeta, biógrafo, ensaísta e conferencista, nasceu em Cachoeira, RS, em 17 de novembro de 1875, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 23 de abril de 1934. Terceiro ocupante da Cadeira 27, eleito em 16 de julho de 1931 na sucessão de Dantas Barreto e recebido pelo acadêmico Alcides Maya em 29 de outubro de 1932. Fez estudos elementares na cidade natal. Desde cedo amava os livros e gostava de poesia. Com quinze anos de idade, trabalhando como caixeiro, recitava sonetos de Olavo Bilac à hora da sesta e quando não houvesse fregueses a atender, e por isso foi demitido do emprego. Abandonou o comércio e buscou seguir a carreira militar. Estudou engenharia na Escola Militar de Porto Alegre. Ali se ligou ao poeta Aníbal Teófilo e publicou o volume de poesias *Templo sem Deuses* (1907). Transferiu-se para o Rio de Janeiro, aproximando-se dos escritores da época, entre eles Olavo Bilac. Preterido no exército, mais de uma vez, apesar de ser engenheiro, reformou-se como tenente-coronel. Foi diretor da Secretaria da Presidência da República durante o governo Getúlio Vargas, 4 de novembro de 1930 a 23 de abril de 1934). Quando faleceu, foi sucedido pelo escritor Ronald de Carvalho. É patrono da cadeira 30 da Academia Rio-Grandense de Letras. Pertenceu à roda de literatos em torno de Alcides Maia, no Rio de Janeiro, da qual participou também Lima Barreto.

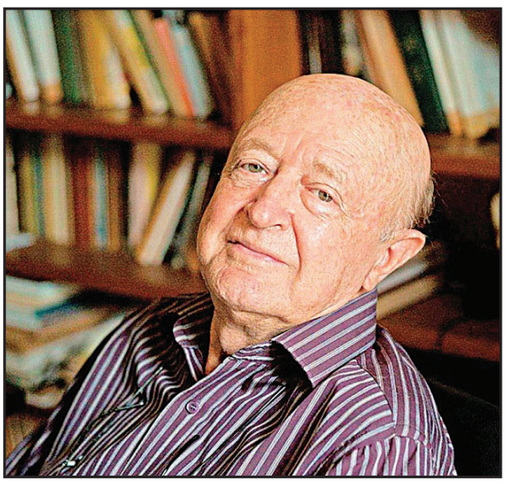
acervo JL

Luís Guimarães Filho

Diplomata, poeta, cronista, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 30 de outubro de 1878, e faleceu em Petrópolis, RJ, em 19 de abril de 1940. Filho de Luís Guimarães, o poeta lírico que também foi diplomata e ministro do Brasil em Lisboa, e fundador da cadeira nº 31. Estudou na Universidade de Coimbra, onde recebeu o grau de bacharel em Filosofia em 1895. Em setembro de 1901, foi nomeado secretário do Congresso Pan-Americano do México. Em 1902, foi nomeado, por concurso, segundo secretário de legação em Buenos Aires. Também foi segundo secretário de legação em Montevidéu, Tóquio e Pequim; conselheiro de legação em Havana e Berna; encarregado de negócios em Tóquio, Pequim, Havana e Berna; ministro plenipotenciário em Caracas, São Petersburgo, Montevidéu e Haia; promovido a embaixador, ocupou o posto em Madri e na Cidade do Vaticano. Colaborou na imprensa, sobretudo na *Gazeta de Notícias* e no *Correio da Manhã*. Desde o primeiro livro de poesias, *Versos Íntimos*, publicado em 1894, seu livro de crônicas *Samurais e Mandarins*, publicado em 1912, logrou grande êxito literário.

Era membro da Academia das Ciências de Lisboa, da Real Academia Espanhola e de várias associações culturais brasileiras e portuguesas. Recebeu as mais altas condecorações nos países em que viveu. Segundo ocupante da cadeira 24, foi eleito em 17 de maio de 1917, na sucessão de Garcia Redondo, e recebido pelo acadêmico Paulo Barreto (João do Rio) em 19 de julho de 1917.

Adeus ao acadêmico José Murilo de Carvalho



Considerado um dos maiores intelectuais brasileiros, o acadêmico, historiador e cientista político José Murilo de Carvalho morreu aos 83 anos, em consequência da Covid-19.

Um dos grandes intérpretes do Brasil, José Murilo era membro da Academia Brasileira de Letras (ABL). desde 2004, quando foi eleito para a cadeira número 5, aberta com a morte de Rachel de Queiroz. Era também integrante da Academia Brasileira de Ciências.

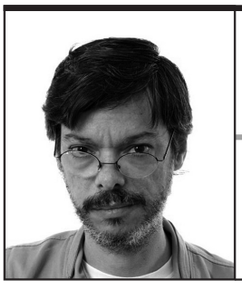
Diversos intelectuais se manifestaram sobre a morte dele. O presidente da ABL, Merval Pereira, destacou que José Murilo de Carvalho explicou o passado do Brasil desde o Império e, a partir desse conhecimento, "analisava a política brasileira recente com requintes históricos que ajudavam a antever o futuro, do qual se desiludiu nos últimos anos. É uma perda não apenas para a ABL, onde tinha sob seus cuidados nossos arquivos, mas para a cultura brasileira".

Em nota, a Associação Brasileira de Ciência Política lamentou a morte do historiador, apontando os quase 20 anos de atuação de José Murilo como professor no antigo Iuperj (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro), "onde teve papel fundamental na formação de pesquisadores e na modelagem na área de pesquisa do pensamento político brasileiro".

Mineiro, José Murilo é bacharel em sociologia e política pela UFMG e mestre em ciência política pela Universidade de Stanford, na California, onde defendeu tese sobre o Império Brasileiro. Foi professor e pesquisador visitante nas universidades de Oxford, Leiden, Stanford, Irvine, Londres, Notre Dame, no Instituto de Estudos Avançados de Princeton, e na Fundação Ortega y Gasset, em Madrid.

No Brasil, foi professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisador emérito do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Escreveu 19 livros, entre eles *A Formação das Almas – O Imaginário da República do Brasil* (Prêmio Jabuti 1991), *Os Bestializados* (melhor livro de 1988 da Associação de Pós-graduação em Ciências Sociais e *D. Pedro II* (Prêmio Jabuti 2008), todos considerados fundamentais para a interpretação do Brasil.

José Murilo de Carvalho deixou um filho, Jonas Lousada de Carvalho e uma legião de fãs.



Desenharte

Por Zé Roberto

zerobertograuna@gmail.com

100 Millôr

Irene e a caricatura.

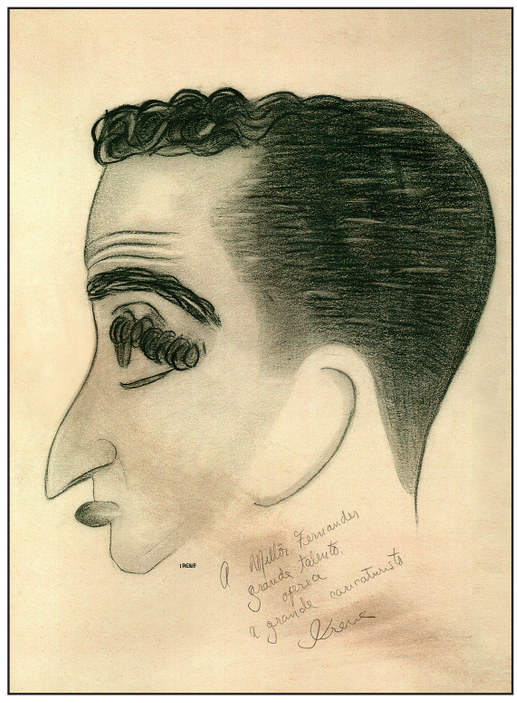
No dia 16 do mês passado, Millôr Fernandes foi timidamente lembrado por seu centenário. Se Jorge de Salles ainda estivesse entre nós, com certeza a data não passaria em branco e teríamos uma daquelas monumentais exposições retrospectivas que só o Jorge sabia realizar. Aqui no Rio de Janeiro, apenas o jornal *O Globo*, em sua edição do dia 6, no artigo "Cabeça de Gênio", de Bolívar Torres, editou uma interessante matéria com duas páginas abrindo a capa do Segundo Caderno do diário, quando noticiou sobre a reedição de alguns dos livros do artista, além do lançamento de um site e a volta de uma peça teatral. Além disso, alguns cartunistas e jornalistas, amigos e fãs do humorista, também postaram homenagens em suas redes sociais exaltando o importante centenário, mas nada de mais significativo aconteceu, nenhum evento de fato. São sintomas de uma pandemia que ainda parece estar entre nós, especialmente no meio cultural.

Não cheguei a conhecer Millôr Fernandes como eu gostaria, mas, em 2008, por conta de uma pesquisa que estava fazendo, precisei da ajuda dele para a obtenção de uma caricatura, o que acabou rendendo uma interessante recordação.

Eu estava iniciando contatos com alguns herdeiros de Mário Rodrigues, clã de Nelson, Mário Filho e Jofre. Meu interesse era tentar descobrir detalhes sobre Irene Rodrigues, irmã mais nova dos três citados. Irene foi uma das nossas mais interessantes caricaturistas, com ótimas artes publicadas na revista *Diretrizes*, de Samuel Wainer, tendo também atuado como repórter do lendário *Jornal dos Sports*, cobrindo especialmente eventos e torneios de tênis. Irene foi casada com o cinegrafista Francisco Torturra, que se consagrou registrando lances magistrais do futebol carioca, no Maracanã, para o *Canal 100*.

Quando estive na residência de Irene Rodrigues, encontrei uma senhorinha já bastante idosa e se recuperando de um acidente vascular cerebral. Fui muito bem recebido por seu gentil esposo, Francisco Torturra, e suas filhas, Margarida e Claudia, que me contaram algumas histórias sobre Irene e os Rodrigues, mas fiquei bastante decepcionado ao saber que a família não possuía quaisquer das artes que Irene produziu nos seus melhores tempos de desenhista de humor. "Ao longo dos anos, as tragédias que atingiram a família, muitas mudanças de endereço, muita coisa se perdeu", explicou Francisco enquanto me mostrava algumas fotos e recortes sobre seu trabalho. O acervo que eles possuíam sobre Irene praticamente se resumia em algumas fotografias de reuniões entre parentes próximos, mas nenhum de seus ótimos desenhos.

Bruno Torturra, filho de Claudia, que estava presente neste primeiro encontro, amainou minha decepção ao informar que sabia onde eu poderia encontrar um original desenhado por sua avó caricaturista. Bruno seguiu os passos de seu bisavô Mário Rodrigues, de seus avós e tios, e tornou-se jornalista. Naquele momento, o jovem Torturra informou que, em 2006, havia realizado uma entrevista com o Millôr Fernandes para a revista *Trip* e, ao saber das origens do jovem repórter, o entrevistado comentou que, quando frequentava a residência dos Rodrigues, foi "vítima" do lápis humorístico de Irene. Millôr exibiu a rara arte ao novato colega que, sem perder tempo, fez um registro fotográfico com uma dessas maquininhas digitais. Bruno me mostrou a foto, que ainda estava na máquina, obviamente um registro interessante, porém precário para arquivo. Resolvi então, eu mesmo ir atrás do Millôr e ver se ele me permitiria fotografar ou digitalizar a caricatura desenhada por Irene.



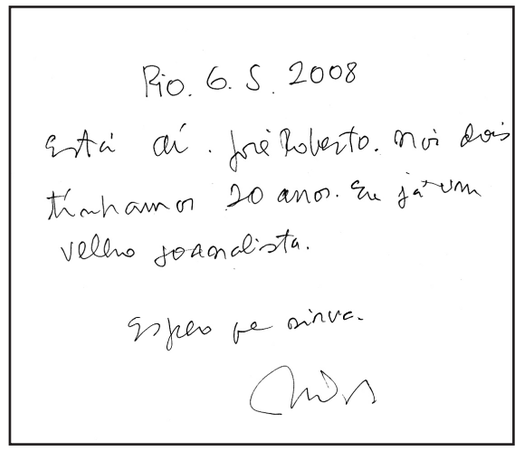
Millôr visto por Irene.

Foram semanas tentando conseguir os telefones do Millôr. Solicitei a vários colegas cartunistas e amigos jornalistas, mas não consegui nada. Alguns diziam que Millôr era de difícil trato, muito temperamental e que não gostava que passassem seus telefones a estranhos. Na época, Millôr editava um espaço no portal UOL com seus textos e frases; quando visitei sua página, havia uma caixa no cantinho do site onde se lia: "Fale com o Millôr." Sem muita fé que realmente o colunista leria qualquer recado deixado ali, resolvi arriscar e enviei uma mensagem explicando sobre meu interesse em ver de perto a curiosa caricatura desenhada por Irene. Dois dias depois, surpreendentemente, recebi na minha caixa de e-mails uma mensagem do Millôr que solicitava minha presença na portaria de um edifício residencial, em Ipanema. No horário combinado, estive no local e fui atendido por um funcionário do condomínio. Ao me identificar, me foi entregue um envelope em formato grande, aproximadamente com 60cm. Dentro dele, estava lá, uma cópia em tamanho original da histórica caricatura, fac-símile, em papel couché, um capricho só! Junto à reprodução, veio um bilhete escrito à mão que dizia: "Está aí, José Roberto. Nós dois tínhamos vinte anos. Eu, já um velho jornalista. Espero que sirva." Apesar de não ter sido um encontro presencial, foi marcante e satisfatório, e a atitude do Millôr em me atender gentil e rapidamente desmistificou a balela de pessoa difícil.

Semanas depois, estive novamente na residência dos Rodrigues, e levei uma cópia da caricatura em formato menor para Irene ver. Devido à idade avançada e sua condição de saúde, a artista alternava momentos de lucidez e distração e, ao observar o desenho que ela mesma criou, disse que não recordava daquela arte e perguntou: "É meu mesmo? É bom, não é?" Depois de tecer rápidos comentários sobre Millôr, e lembrar que ele era um galanteador incorrigível, ela riu e se deixou fotografar timidamente próxima à caricatura.

Millôr Fernandes faleceu no dia 28 de março de 2012, aos 88 anos; e Irene Falcão Rodrigues, a última da prole dos talentosos filhos de Mário Rodrigues, morreu no dia 5 de maio de 2014. Boas lembranças de Millôr, Irene e os Rodrigues, pessoas que construíram muito das artes, da cultura e do jornalismo brasileiro.

Saúde e Arte!



O bilhete do Millôr.

Café não se troca!

Por Nelson Valente*

Saulo Ramos era jornalista em Santos, mas jornalista verdadeiramente militante em *A Tribuna*, o jornal de maior circulação na cidade. Fazia de tudo, era uma espécie de coringa que a secretaria do jornal usava para qualquer assunto.

Jânio era prefeito de São Paulo e frequentava o Guarujá, onde o velho Gabriel, seu pai, tinha uma casa de praia.

Jânio e Saulo se conheceram porque, no Guarujá e nas manhãs de Sábado, ambos costumavam tomar caipirinha no bar do posto de gasolina do Viola, não tanto pela qualidade da bebida, mas pelos irresistíveis quibes caseiros feitos pela mãe do Viola, dono do posto e bom de papo na hora do aperitivo de praia.

Firmou-se a amizade pelos anos que se seguiram, mas a fama de Jânio afastou-o do bar do Viola. Os encontros entre Jânio e Saulo passaram para as respectivas residências, já que a intimidade o permitia.

Eleito governador de São Paulo, Jânio lembrou-se de uma das facetas de Saulo, um estudioso da economia cafeeira, na época a maior fonte de divisas e de riquezas do país. Basta lembrar que o Brasil exportava anualmente 4 bilhões de dólares, dos quais 2 bilhões e 800 milhões eram gerados pelo café.

Saulo conhecia os problemas do setor; desde a produção – seu pai era cafeicultor – até a comercialização no Porto de Santos, o maior exportador do produto, pois o jornalista de *A Tribuna* teve que aprender tudo sobre a atividade econômica para escrever com segurança seus comentários no maior jornal de Santos.

São Paulo, na época o maior estado produtor de café, tinha grande influência sobre o Governo Federal e impunha as diretrizes econômicas da política cafeeira. Difícil era conciliar os interesses conflitantes entre lavoura, comércio e exportação.

Saulo tinha noção segura sobre a forma de harmonizar os conflitos dos setores. Jânio sabia disso. Convidou Saulo, que não aceitou, a participar do governo estadual como assessor para assuntos do café.

O jornalista estava se formando em Direito, não pretendia envolver-se em política. Mas ficou à disposição do amigo para debater, sempre que necessário, as questões ligadas à economia cafeeira.

Carvalho Pinto era secretário da Fazenda e promoveu uma reunião com as lideranças da lavoura, comércio e exportação, na presença do governador, a fim de colher elementos para definir as reivindicações do governo de São Paulo perante o Governo Federal.

Jânio ouviu atentamente todos os setores. Recolheu atentamente as exposições de cada setor, enfiou-as numa pasta e disse ao professor Carvalho Pinto: – Eu mesmo estudo isso.

Duas horas mais tarde, a pasta estava sobre a mesa de Saulo Ramos, em Santos. E alguns dias depois Jânio reconvocou os líderes e fez longa exposição sobre qual seria a posição de São Paulo, criticando os exageros das reivindicações dos cafeicultores, a falta de objetividade das sugestões dos exportadores e frisando que todos os problemas do café somente poderiam ser resolvidos através de uma reforma cambial com a eliminação gradativa do confisco.

Sucesso total, que deixou o professor Carvalho Pinto emudecido diante dos conhecimentos de Jânio.

Eleito presidente da República, Jânio chamou Saulo ao apartamento de Abreu Sodré, em São Vicente, e disse:

– Agora você vai comigo para Brasília, assessorar-me na política do café. Não desejo mais ser boneco de ventríloquo.

Saulo aceitou, sob condições: liberdade para escolher o presidente do Instituto Brasileiro do Café (IBC), total liberdade para o planejamento da economia cafeeira, sem interferências dos ministros da Fazenda e da Indústria e Comércio, e reforma cambial para a eliminação do confisco.

O presidente eleito concordou, pois ainda não havia convidado os ministros mencionados e, quando o fez, Clemente Mariani para a Fazenda, Arthur Bernardes para Indústria e Comércio, declarou que a política do café seria conduzida pessoalmente pelo presidente da República.

Saulo escolheu o ministro (do Itamaraty) Sérgio Armando Frazão para presidente do IBC, rompendo a velha tradição de entregar autarquia ora a um fazendeiro de café, ora a um representante dos comerciantes ou exportadores. Inaugurou a experiência bem-sucedida de considerar o café como assunto de Política Externa, conduzida com a participação de diplomata.

Com a reforma cambial pela resolução 204 da Superintendência da Moeda e do Crédito (Sumoc), Jânio cumpriu a promessa: autorizou a edição da resolução 205, também da Sumoc, redigida por Saulo, Frazão e Octávio Bulhões, então presidente da Superintendência da Moeda e do Crédito.

Foi assim, extinto o confisco cambial sobre as exportações do café e criada a quota de contribuição, destinada a ser gradualmente eliminada, embora seus rendimentos fossem exclusivamente investidos na economia cafeeira. Com a renúncia de Jânio, a eliminação gradual da quota de contribuição foi abandonada pelos governos que se seguiram e transformou-se, ela própria, em novo confisco cambial.

Embora o Brasil, em 1961, estivesse com perigosa superprodução de café (40 milhões de sacas), a dupla Saulo-Frazão conduziu uma política que deu excelentes resultados, mas exigiu um trabalho indescritível.

Com a execução desta política, o governo de Jânio conseguiu exportar cerca de 18 milhões de sacas e aumentar sensivelmente a receita de divisas com a exportação de café. Nos sete meses de governo Jânio, o PIB cresceu 9,2%, graças aos recursos irrigados internamente pelo café exportado.

Um belo dia surgiu, no Planalto, um deputado paulista da então UDN propondo a Jânio um negócio fabuloso para o país... A Espanha pretendia trocar alguns milhões de sacos de café por navios, de fabricação espanhola – oferta que fascinou os governadores do Nordeste.

Pressionado e fascinado pela operação, Jânio pediu a Saulo parecer sobre a proposta. O parecer foi contrário. O bate-boca foi histórico:

– Desencalhamos milhões de sacos de café de nossos custosos estoques, recebemos navios de que necessitamos demais e você diz que não pode! Por acaso você pegou o vírus dos burocratas? – disse Jânio aos gritos.

– A Espanha consome duzentas mil sacas de café por ano. Não vamos esperar que ela seja boazinha de estocar, por nós, alguns milhões de sacas para consumir ao longo dos próximos anos. A estocagem é cara e o café perecível, envelhece. Logo a Espanha vai revender o café que receber e com o abatimento do preço. O resultado será catastrófico, porque provocará uma queda no mercado internacional e atingirá, por óbvio, toda a nossa exportação. Café não se troca; vende-se.

Jânio não se conformou. Disse que faria a operação, que obrigaria os espanhóis a assumirem o compromisso de não revenderem e, se acaso o fizessem, os preços teriam de obedecer às cotações internacionais.

Desfilou uma série de ingenuidades que os intermediários do negócio haviam enfiado em sua cabeça. E disse que autorizaria a operação, a despeito do parecer contrário.

– Se Vossa Excelência autorizar a operação, terá que deferir o meu pedido de exoneração no mesmo dia – disse Saulo.

– Pois defiro-o antes. Apresente o pedido a Chico Quintanilha e peça-lhe para despachar comigo tão logo eu voltar da reunião de governadores do Nordeste, para onde vou hoje. Passe bem.

Saulo saiu do gabinete presidencial e redigiu o pedido de demissão. Jânio foi para o Nordeste para uma de suas célebres reuniões com governadores, às quais levava o Ministério, deslocava a sede do governo, fazia espetaculares movimentações. E na pauta desta reunião estava a reivindicação dos governadores nordestinos interessados na operação espanhola, que lhes daria os cobiçados navios de cabotagem.

Saulo entregou o pedido de demissão ao chefe da Casa Civil, Francisco Quintanilha, que sorriu e comentou:

– Até parece que você não conhece o Jânio. Pode levar de volta este pedido, antes que algum jornalista tome conhecimento. Espere o homem voltar do Nordeste.

No dia seguinte, Saulo encontrou sobre sua mesa um bilhete de Quintanilha (era o governo dos bilhetinhos) com o exemplar de um jornal do Nordeste, que estampava na manchete: JÂNIO: CAFÉ NÃO SE TROCA!

No texto da notícia vinha toda a observação do parecer de Saulo, com enérgicas advertências.

Ao voltar do Nordeste, dia seguinte cedo, Jânio dirigiu-se para a sala de Saulo, no Planalto. Abriu a porta e o amigo, que estava estudando alguns processos, levantou-se:

– Saulo, meu bem, leu os jornais do Nordeste?

– Li.

– Gostou?

– Claro.

– Que gente maluca! O deputado, aquele (1), voltou no meu avião inconformado, metendo o pau em você. Creio que ele deixou de ganhar uma gorda corretagem. Se era pelo café, amargou; se era pelos navios, naufragou. Essa gente não tem o menor espírito público. Venha ao meu gabinete. Vamos trabalhar.

(1) O deputado era Herbert Levy, da UDN de São Paulo, e que, a partir de então, passou a odiar Jânio e Saulo.

*Nelson Valente é professor universitário, jornalista e escritor.

Novos Lançamentos

Relações entrecruzadas

Precursor de romances como *Léxico Familiar* e *Caro Michele, Todos os Nossos Ontens* (Cia das Letras) da escritora Natalia Ginzburg, se inicia com uma casa, uma rotina, uma família. O tempo passa, o ritmo cotidiano é rompido por mortes, encontros, casamentos, gestações. A cada ruptura, surgem novas rotinas, e então a voz em terceira pessoa se mistura ao olhar de Anna, a caçula, que se surpreende com o modo do hoje virar ontem; parece que uma eternidade separa a vida de antes e a nova que surge. Não são apenas os nascimentos e as mortes que mudam a percepção do tempo. Até certo ponto, parecia que o fascismo não acabaria nunca, e então começa a se ouvir no rádio sobre a invasão da Polônia, e sobre a linha Maginot, que parecia intransponível. Mas os nazistas a ultrapassam, e num relance a guerra vira parte da vida. Se a destruição faz com que as rotinas durem sempre menos, algum resto de resiliência, inadvertidamente, consegue as reerguer, ainda que cambaleantes. *Todos os Nossos Ontens* pertence ao período da luta antifascista, à literatura da Resistência durante a Segunda Guerra Mundial. Natalia Ginzburg nasceu numa família judia em Palermo, em 1916. Seu pai e seus irmãos se integraram à resistência antifascista, da qual fazia parte também o primeiro marido da escritora, Leone Ginzburg, com quem teve três filhos, entre eles o historiador Carlo Ginzburg.

Conexão especial

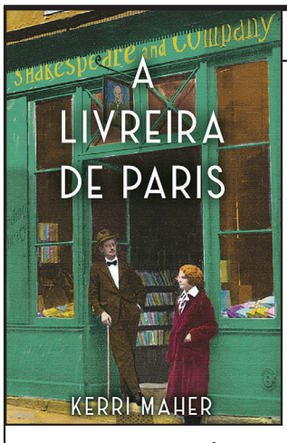
A Lenda da Caixa das Almas (Editora Gutenberg), de Paola Siviero, é uma fantasia fascinante e cheia de reviravoltas. Uma aventura épica sobre autoconhecimento e o poder da amizade. Um mundo onde humanos e animais dividem uma conexão especial. Um clã secreto que luta contra criaturas malignas. Quatro amigos em busca de uma caixa misteriosa, antes que seja tarde demais. Como qualquer outro adolescente, Otto e Theo gostam de imaginar como serão seus animais. Qual animal surgirá para selar seus destinos e acompanhá-los pelo resto da vida quando atingirem a maturidade? Antes que isso possa acontecer, porém, os gêmeos partem em uma de suas habituais caçadas na Floresta Sombria, e apenas um deles retorna. Anos depois, sem nunca ter perdido a esperança de encontrar o irmão, chega o momento de Theo se embrenhar na floresta à procura de seu animal. A espécie à qual o garoto se conecta surpreende a todos. Mais surpreendente ainda é o fato de Theo não conseguir enxergar seu destino com clareza, como deveria ser. Paola Siviero é escritora e roteirista. Nasceu em Belo Horizonte, cresceu em São José dos Campos e é nômade no plano real e imaginário. Apaixonada por animais, começou a desenvolver e escrever *A Lenda da Caixa das Almas* durante o ano em que morou na Suíça, rodeada por lagos e montanhas.

Arco é vida

Publicado pela primeira vez no Brasil, *O Arqueiro (Paralela)*, novo livro de Paulo Coelho, chega em edição com capa dura e ilustrações em duas cores. Uma história rica em ensinamentos sobre como ter uma vida plena e repleta de propósito. O arco é a vida: dele vem toda energia; a flecha é o intento; o alvo é o objetivo a ser alcançado. Através de uma parábola sobre arquearia, Paulo Coelho nos ensina a persistir em nossos objetivos, buscar paz de espírito e sermos gratos pela jornada que percorremos. Após receber uma visita inesperada, Tetsuya, o melhor arqueiro do país, transmite seus conhecimentos a um jovem da aldeia onde vive. Assim, conhecemos o caminho do arco, que nos inspira a seguir nossa intuição e a viver plenamente. Consagrado no Brasil e no mundo, Paulo Coelho tem sua obra publicada em mais de 150 países e traduzida em 71 idiomas. Entre seus maiores sucessos estão *O Alquimista*, considerado o livro brasileiro mais vendido de todos os tempos, e *O Diário de um Mago*. Nascido no Rio de Janeiro, em 1947, trabalhou como diretor e autor de teatro, jornalista e compositor, antes de se dedicar à literatura. Suas parcerias musicais com o legendário Raul Seixas resultaram em clássicos do rock brasileiro. Eleito para a Academia Brasileira de Letras em 2002, ocupa a cadeira 21. É casado, desde 1979, com a artista plástica Christina Oiticica.

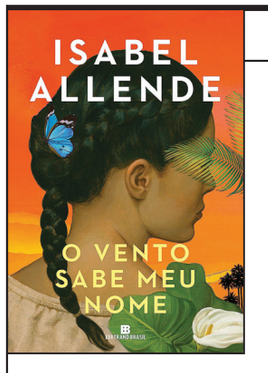
Mistério

Um Estudo em Vermelho (Autêntica Editora) propõe um enigma terrível para a polícia londrina, que pede auxílio a Sherlock Holmes para decifrá-lo. No número 3 de Lauriston Gardens, perto de Londres, um homem é encontrado morto, sem ferimentos e cercado de manchas de sangue. Em seu rosto, uma expressão de pavor. Na parede, uma inscrição misteriosa foi rabiscada às pressas. Vinte anos antes, em Salt Lake City, nos desfiladeiros de Nevada, Estados Unidos, Jean Ferrier foi executado por mórmons sedentos de sangue, enquanto sua filha, Lucy, foi sequestrada. Qual é a ligação entre esses dois eventos tão distantes no tempo e no espaço? Um fio comum que só Holmes, com suas deduções de detetive-consultor, é capaz de desvendar, numa aventura fascinante. Lançado em 1887, este é o livro de estreia de Sherlock Holmes, e nele acompanhamos pela primeira vez sua investigação. É também nele que o Dr. Watson conhece seu mestre, quando ambos procuravam parceiros para dividir o aluguel de um apartamento – que veio a ser o famoso 221b da Baker Street. Com essa história surpreendente e cheia de suspense, Conan Doyle despontou como um dos maiores escritores de romances policiais do mundo, e foi também nela que teve início a clássica, imbatível e nada elementar parceria Sherlock Holmes-Dr. Watson.



Transformação

Mistura de romance e biografia, *A Livreira de Paris* (Editora Intrínseca), de Kerri Maher, é uma ode a uma mulher que assumiu como missão honrar o poder transformador dos livros, além de uma narrativa emocionante sobre as amizades, os amores e os atritos da cena literária europeia da primeira metade do século XX. Quando a jovem norte-americana Sylvia Beach abre a Shakespeare and Company em uma rua tranquila de Paris em 1919, não tem ideia de que ela e sua nova livraria mudarão o curso da história da literatura. A Shakespeare and Company é mais do que uma livraria e uma biblioteca: ali se reúnem muitos escritores proeminentes dos anos 1920 e 1930, como Ernest Hemingway e F. Scott Fitzgerald. É também onde nascem algumas das amizades literárias mais importantes da época – em especial, aquela entre o escritor irlandês James Joyce e a própria Sylvia. E quando o controverso novo romance de Joyce, *Ulysses*, é censurado nos Estados Unidos, Beach decide assumir um risco enorme e publicá-lo na França. Mas o sucesso e a notoriedade da publicação de um dos livros mais infames e influentes do século vêm com altos custos. Diante de crises pessoais e financeiras, Sylvia precisa decidir o que a Shakespeare and Company realmente significa para ela.



Migração forçada

Em *O Vento Sabe Meu Nome* (Bertrand Brasil), a autora best-seller do New York Times Isabel Allende entrelaça passado e presente, traçando os efeitos em cascata da guerra e da migração na vida de duas crianças. Viena, 1938. Samuel Adler tem cinco anos quando seu pai desaparece durante a Noite dos Cristais – a noite em que sua família perde tudo. À medida que a segurança de seu filho se torna cada vez mais difícil de garantir, a mãe de Samuel consegue uma vaga para ele no trem Kindertransport, da Áustria nazista para a Inglaterra. Sozinho, o menino embarca levando apenas seu violino e o peso da solidão e da incerteza, que o acompanharão ao longo de sua vida. Arizona, 2019. Oito décadas depois, Anita Díaz e sua mãe embarcam em um trem, fugindo dos perigos iminentes em El Salvador e em busca de refúgio nos Estados Unidos. Mas a chegada delas coincide com a nova política de separação familiar, e Anita, de sete anos, se vê sozinha em um acampamento para crianças refugiadas. Assustada, ela se refugia da realidade em um lugar que só ela conhece: Azabahar. Um mundo mágico. Enquanto isso, Selena Durán, uma jovem assistente social, e Frank Angileri, um advogado de sucesso, lutam para reunir a menina e sua mãe e proporcionar um futuro melhor para ela. Uma história sobre as feridas profundas que a migração forçada produz e as pessoas que lutam para curá-las.

CHEGOU A HORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br

CNC | Federações | Sindicatos | Sesc | Senac / Trabalho a favor do Brasil.

A literatura infantil de Ester Abreu

Por Francisco Aurélio Ribeiro*

A busca de harmonia entre pessoas, animais e a natureza

Ester Abreu Vieira de Oliveira nasceu em Muqui, em 31 de janeiro de 1933, há noventa anos. Graduada em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Espírito Santo (1960), especialista em Filologia Espanhola (Madri), especialista em Português Superior – Universidade de Lisboa (1968), mestra em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1983), doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994), fez Pós-doutorado em Filologia Espanhola – UNED – (Madri – 2003). É membro do Colegiado do Programa de Pós-graduação – Mestrado e Doutorado em Letras – Estudos Literários – UFES, desde a sua criação, em 1994, e sempre atuou na área de Letras, produzindo e ensinando teatro, poesia e narrativa da literatura hispânica, tanto a brasileira quanto a espanhola.

É pesquisadora da Linha de Pesquisa Poéticas da Antiguidade à Pós-Modernidade (PAP), líder do grupo de Pesquisa CNPq: Estudos de literatura hispânica: caminhos e tendências. Tem participado como representante de instituição em comissões e conselhos culturais estaduais e municipais. Possui centenas de trabalhos publicados (impressos, on-line e CDs) em revistas especializadas, em jornais e em anais de congressos com temas referentes às línguas e às literaturas espanhola e brasileira e, ainda, livros didáticos e infantis, tradução de obra, livros de poesia, de crônicas e de ensaios. Pertence à Academia Espírito-santense de Letras, Cadeira 27, sendo sua presidente deste 2019, à Academia Feminina Espírito-santense de Letras, Cadeira 31, ao Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, à Associação de Professores de Espanhol do Espírito Santo (Membro fundador), à Associação Brasileira de Hispanista (membro fundador), à Asociación Internacional de Hispanista, à Asociación Internacional del Teatro Español y Novo Hispano – Aitenso.

Páginas e páginas seriam necessárias para descrever as atividades curriculares da professora Ester Abreu, mas vou destacar aqui uma parte de sua extensa obra produzida nestes noventa anos de profícua existência: a literatura escrita para crianças. Ester sempre se destacou, modestamente, no mundo predominantemente masculino das letras e da docência no ensino superior, por sua garra, determinação, inteligência e sensibilidade, e, sobretudo, por sua postura e palavra de mulher, a marca da diferença neste mundo conturbado por guerras e tragédias sociais, violências geradas, quase sempre, pelo poder masculino. A guerra da Ucrânia é um triste exemplo disso. Afinal, já escreveu Svetlana Aleksiévitch, a primeira jornalista a ganhar um Prêmio Nobel de Literatura, **"**A guerra não tem nome de mulher"**.** Filha de pai bielorusso e mãe ucraniana, Svetlana nasceu em Stanislav, Ucrânia, em 1948, e em seus livros descreve os horrores do desastre de Chernobil, em 1986, e das guerras em sua região, hoje devastada pela fúria ensandecida de Putin e seus comandados.

A extensa obra literária, científica e didática de Ester Abreu se iniciou com *Português para estrangeiros,* 1981; A*ntologia Poética de Cidades Brasileiras,* 1985; *Poetas brasileiros de Hoje,* 1986, e em dois livros publicados com muitas dificuldades, *Momento*s e *Ibéria Dividida,* ambos em 1988. Em 1994, alguns de seus poemas foram traduzidos para o francês e publicados na antologia *Quelqueschose d´elle,* de edição suíça. *Momentos,* seu primeiro livro de poemas, ganhou menção honrosa na AEL, em 1986, prêmio publicação do DEC, em 1982, e elogios dos acadêmicos Elmo Elton e Luiz Busatto. Segundo o orelhista da obra, "Os cinco momentos e ecos de *Momento* representam o homem com seus cinco sentidos despertos, seus sonhos, gostos, memórias, recordações e inquietações atávicas". Em estudo crítico publicado em 1990, destaquei a valorização da memória, da tradição, do lirismo sentimentalista, sem piegas, dos poemas de Ester Abreu, numa época de desconstruções, ceticismo, descrenças, desilusões. Ester é a poeta da esperança, da ilusão, da valorização da vida, da simplicidade, do sentimento, que não passa, apenas, pela vida, mas que a vive. Em *Ibéria dividida,* coloca, em poemas, a duplicidade que sempre marcou suas pesquisas daqui e dalém mar: Brasil/Europa, Portugal/Espanha; colonizado, colonizador. Certa vez, me confessou ter a alma dividida. Todos nós, cara Ester, a temos. É fruto de nossa consciência de abismo que herdamos com a modernidade.

Depois dessas, muitas outras obras foram publicadas, em diferentes gêneros literários: ensaios, crônicas, poesias e literatura infantil. Essa se iniciou com a publicação de *O Lagarto Medroso do Jardim*, publicado em espanhol/português pela Editora Ao Livro Técnico em 1999, republicado pela Editora Imperial Novo Milênio em 2008 e pela Opção Editora que, em 2018, publicou uma nova versão bilíngue intitulada *O Lagarto Amedrontado do Jardim*; em 2018, saiu o livro *O Coelhinho e a Onça / El conejito y el jaguar,* pela editora Cajuína, SP. Em 2019, *Uma Família Feliz* foi publicado em português/espanhol e português/pomerano pela Editora Formar. E, em 2022, coube à Editora Jordem publicar S*urpresas em um Domingo*, também em e-book.

Em *O Lagarto Medroso do Jardim*, narra-se a história de um lagarto que, ameaçado por uma criança, fica escondido em sua toca, com medo de sair e aproveitar o dia. Mas um animalzinho do jardim vê toda a cena e ajuda o bichinho que está sendo apedrejado. Apoiado pelo novo amigo, o lagarto volta a ser livre e o menino, refletindo sobre seus atos, muda seu comportamento. Em *O Coelhinho e a Onça*, tudo estava em harmonia na casa da vovó, e um coelhinho saiu da toca para aproveitar o sol e se alimentar. Enquanto interage com os outros animais do sítio, surge do rio uma onça, que tenta pegá-lo. Os macacos o alertam do perigo e aparece o tio Artur, que afugenta a onça. O coelho volta para sua vida calma e à noite vai dormir em sua toca, pois não há mais perigo.

Em *Surpresas em um Domingo*, as irmãs Olívia, Júlia e Alice gostavam de passear no parque com a vovó, mas, naquele domingo, ela não pôde ir e o tio Pedro as levou. Lá, brincavam com o que havia, mas Alice, muito travessa, foi pedalando até uma casinha no meio do lago para ver os ovos da pata que fizera um ninho ali. Ao chegar, se assustou, pois viu dois olhos redondos e um vulto perto do ninho. O tio e o vigia do parque ouviram seu grito e pedalaram até lá. Era um gambá que queria comer os ovos e fugiu ao ver os adultos. Passado o susto e para acalmar Alice, o tio levou as meninas para ver os outros animais do parque e seus filhotes. Passearam nos pôneis e foram lanchar, sob uma árvore. Enquanto o tio tirava um cochilo, as meninas foram explorar uma cabana ali peto. Lá, encontraram uma linda princesa, uma sereia e uma bruxa. Assustaram-se, mas elas disseram que eram artistas se preparando para uma apresentação da peça teatral "A sereia que salva a princesa", convidando-as para assistir ao teatro. As meninas saíram correndo para acordar o tio dorminhoco, ansiosas para assistir à apresentação.

O que se pode observar nos quatro livros para crianças de Ester Abreu é que o mundo é apresentado para as crianças como uma utopia possível de ser realizada. Os conflitos existem, crianças mal-educadas podem machucar lagartos, coelhos indefesos podem ser pegos por onças famintas e gambás são animais assustadores para crianças, se alimentam de ovos de aves, mas nem por isso devem ser mortos. A realidade é mostrada às crianças suavizada pelo filtro ideológico do mundo que se quer passar às crianças, em que a violência cede lugar à harmonia e à fantasia. Afinal, já nos disse Cecília Meireles, em conferência de 1949 publicada em *Problemas da Literatura Infantil* (Summus Ed, 1979): "O livro infantil, se bem que dirigido à criança, é de invenção e intenção do adulto. Transmite os pontos de vista que este considera mais úteis à formação de seus leitores. E transmite-os na linguagem e no estilo que o adulto igualmente crê adequados à compreensão e ao gosto do seu público."

A literatura escrita para crianças, desde a sua origem, na Antiguidade Clássica greco-latina (se considerarmos as fábulas) ou, na Idade Média (se levarmos em conta os contos maravilhosos ou contos de fadas), foi sempre marcada pelo desafio de se encontrar "palavras e sentimentos" adequados que pudessem estabelecer um diálogo salutar escritor/leitor, como nos disse Clarice Lispector, outra escritora famosa, que também escreveu para as crianças.

A literatura infantil é marcada, a priori, por um adulto escritor/editor/crítico/pai que a direciona a uma criança (leitora/receptora) do texto a ela dirigida. Em poucos momentos da história, pôde a criança escolher o que fosse melhor para ela por si mesma e, mesmo se o fizesse, o gosto da criança por determinada obra de leitura é, quase sempre, comprometido com uma visão do adulto que a direciona para tal obra ou escritor. Ana Maria Clark Peres afirma sobre isso: "…creio ser impossível negar que a relação criança/literatura vem se efetivando, na maioria das vezes, em bases rigorosamente postuladas por adultos que se julgam detentores de um saber sobre a criança." Daí provém o eterno vínculo da Literatura escrita para crianças com o pedagógico, o moralesco e o adultismo. As histórias são escritas, em sua maioria, para transmitir valores, conceitos, lições, visões de mundo que são predominantes em determinadas épocas.

Creio que se pode ler os quatro livros infantis de Ester como releituras de fábulas tradicionais imortalizadas por Fedro ou Esopo ou, ainda, como reescritas de clássicos como *Alice no País das Maravilhas*, pois a curiosidade de Alice é que a leva a desvendar o mundo e seus mistérios. Creio, ainda, que a literatura infantil de nossa querida Ester retome o conceito milenar de um "ensinamento útil sob o adorno ameno". Seus livros, escritos em português, espanhol e pomerano, certamente encontrarão leitores contemporâneos que, vivendo num mundo extremamente violento, tecnicista, desumano, como o atual, encontrarão neles o sonho possível da convivência harmoniosa entre pessoas, animais e a natureza. E dela e de sua obra, eu concluo com as mesmas palavras de Cecília Meireles ao comentar a obra de Selma Lagerlöf, a primeira escritora a ganhar um Prêmio Nobel de Literatura: "Não é uma principiante, nem uma escritora qualquer que se arrisca a essa alta aventura: é alguém que conhece cada palmo de sua terra e da alma de sua gente. [...] E alguém que sabe usar as palavras com maestria, pela vasta experiência de uma longa carreira literária."

*Francisco Aurélio Ribeiro é ex-presidente da Academia Espírito-santense de Letras.

Si vis pacem, para bellum

José Carlos Gentili*

CURIA VESCOVILE DI PIACENZA

DOPO IL DECRETO DEL SANTO UFFIZIO

AVVISO

E' peccato grave:

1° Iscriversi al Partito Comunista.
2° Favorirlo in qualsiasi modo, specie col voto.
3° Leggere la stampa comunista.
4° Propagare la stampa comunista.

Quindi non si può ricevere l'assoluzione se non si è pentiti e fermamente disposti a non commettarlo più.

Chi, iscritto o no al Partito Comunista, ne ammette la dottrina marxista, atea ed anticristiana e ne fa propaganda, è

APOSTATA DALLA FEDE E SCOMUNICATO

e non può essere assolto che dalla Santa Sede.

Quanto al è detto per il Partito Comunista deve estendersi agli altri Partiti che fanno causa comune con esso.

Il Signore illumini e conceda ai colpevoli la materia tanto grave, il pieno ravvedimento, poichè è in pericolo la stessa salvezza dell'eternità.

Fotos: acervo do autor

Se desejas a paz, prepara-te para a guerra (*si vis pacem, para bellum*), adágio latino atribuído a Flávio Vegécio, está inscrito na *Acta apostolicae sedis*, promulgada pelo Papa Pio XII (*Decretum* – 1.7.1949.), revista pelo Papa D. Giovanni XXIII (*in Dubium* – 4.4.1959.).

Assim, o Santo Ofício estabeleceu e a matéria foi publicizada:

"La scomunica ai comunisti è il nome con cui è conosciuto a livello popolare un decreto della Congregazione del Sant'Uffizio pubblicato il 1º luglio 1949. Approvato da papa Pio XII, il decreto dichiarava illecita, a detta della Congregazione, l'iscrizione al Partito Comunista Italiano, nonché ogni forma di appoggio ad esso. La Congregazione dichiarava inoltre che coloro che professavano la dottrina comunista erano da ritenere apostati, quindi incorrevano nella scomunica."

A "Excomunhão aos Comunistas" é o nome com o qual é conhecido a nível popular um decreto da Congregação do Santo Ofício, em 1° de julho de 1949. Aprovada pelo Papa Pio XII, o decreto declarava ilícita, no dizer da Congregação, a inscrição ao Partido Comunista italiano, assim como cada forma de apoio a isso. A Congregação declarava, além disso, que aqueles que professam a doutrina comunista deveriam ser apóstatas, portanto incorriam na excomunhão. (tradução livre).

Impõem-se registrar que o Tribunal do Santo Ofício foi instituído pelo Papa Gregório IX, em 1233, entidade também conhecida por Santa Inquisição, para investigar ditas heresias dos albigenses, ao constatar o crescimento de outras religiões, fato inadmissível pela Igreja Católica Apostólica Romana.

A Reforma e o Concílio Trentino dizem melhor!

Os judeus na Península Ibérica foram perseguidos pelo temível algoz de Ávila – Tomás de Torquemada, sendo levados às fogueiras da Inquisição, que iniciou em 1233, sob a chancela do Papa Gregório IX, com o lema *exsurge domine et judica causam tuam psalm 73.*

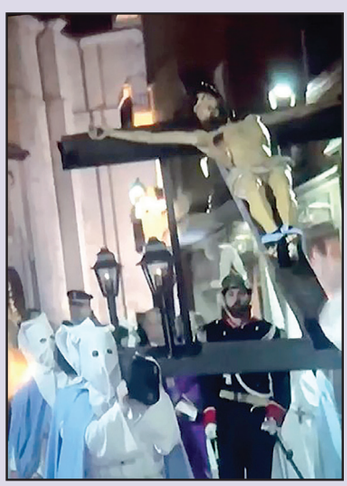
"Condenados a usar o sambenito, rezar um rosário, andar descalços e usar um chapéu cônico. (Sevilha/ Espanha-século XVII)". Os sefarditas foram espezinhados em sua fé religiosa.

Com as bênçãos ignóbeis dos soberanos de Castela e Aragão, a tortura e autos de fé foram cometidos sob o "beneplácito de Deus" na Europa e colônias, quando milhares de judeus foram levados aos calabouços medievais e às fogueiras inquisitoriais.

Procuram tergiversar, alterando a realidade fática, pois o Rabi era judeu e falava aramaico! Verdadeira metamorfose de narrativas, até hoje em uso.

Comparando os atos infames da Igreja com as diatribes de Putin, esse último personagem seria apenas um *enfant terrible* moderno.

A Sagrada Congregação do Santo Ofício foi sendo reformulada para Congregação para a Doutrina da Fé (*Congregatio pro Doctrina Fidei*), em 7 de dezembro de 1965, um dia antes do Concílio Vaticano II, quando foi suprimido o infame e repressivo *Index Librorum Prohibitorum.*



Procissão em Sevilha / Espanha – Pátria de Tomás de Torquemada, em 2023. Roupagem que nos remete a Ku Klus Klan.

Surpreendente é que a Espanha, em pleno ano de 2023, ainda comemore, festivamente, solenidade crística, quando carregadores de andores conduzem a imagem do Cristo, a usar gorros e túnicas idênticas aos sefarditas, durante a Santa Inquisição.

Vê-se que os políticos e as entidades religiosas continuam a manipular a massa ignara, como faziam há séculos passados.

Interessante a disparidade entre a racionalidade humana e a fé religiosa!

"Devemos viver para deus e não para nós mesmos!" (Fílon de Alexandria)

*José Carlos Gentili é jornalista.

ToDa teoRiA tem um LaDO PRáticO. ESTáGIO

o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- WORKSHOPS E PALESTRAS
- CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545

CIEE CENTRO DE INTEGRAÇÃO EMPRESA-ESCOLA RIO DE JANEIRO

Cadastre-se através do site www.ciee.org.br

lançamento

ORLAN

Nesta autobiografia, ORLAN, artista francesa feminista reconhecida no mundo todo, aborda sua trajetória pessoal, desde seu nascimento em Saint-Étienne num meio operário, seus amores, seus dissabores, seus traumas e sua vida de artista na cena francesa e internacional, na qual se aproximou de grandes nomes da arte.

APOIO INSTITUT FRANÇAIS AMBASSADE DE FRANCE AU BRÉSIL Liberté Égalité Fraternité

REALIZAÇÃO Sesc

sescsp.org.br/edicoes